

Como Ser ~um~ Pirata



por

Soluço Spantosicus
Strondus III

traduzido do Antigo Norueguês por

CRESSIDA COWELL

Série
Como Treinar o Seu Dragão

Como Ser ~um~ Pirata



por
Soluço Spantosicus
Strondus III

traduzido do Antigo Norueguês por
CRESSIDA COWELL

Copyright do texto e das ilustrações © 2004 Cressida Cowell
Publicado inicialmente na Grã-Bretanha em 2004 por Hodder Children's Book.
TÍTULO ORIGINAL How to Be a Pirate

TRADUÇÃO

Heloisa Prieto

COPIDESQUE Mariana Rimoli

REVISÃO

Liciane Corrêa

Maria da Glória Carvalho

ADAPTAÇÃO DE CAPA E PROJETO GRÁFICO

Julio Moreira

TRATAMENTO E ADAPTAÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES ó de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C915c Cowell, Cressida

Como ser um pirata / [texto e ilustração] Cressida Cowell; tradução de Heloisa Prieto. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.
224p.

-(Como treinar o seu dragão ; 2)

Tradução de: How to be a pirate Continua com: Como falar dragonês ISBN 978-85-98078-77-9

1. Literatura infantojuvenil. I. Prieto, Heloisa. II. Título. III. Série
10-01 42.

CDD: 028.5 CDU: 087.5

11.01.10

12.01.10

017080

Rua dos Oitis, 50 22451-050 Gávea Rio de Janeiro - RJ

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Tel./Fax: (21) 3206-7400 www.intrinseca.com.br

*Um grande agradecimento a Simon Cowell, Caspar Hare, Tiina Jalava e
Andrea Malaskova por todo o trabalho e apoio.*

Dedico este livro a meu avô ALAN,
a meu pai, MICHAEL, a meu irmão CASPAR, a meu
marido, SIMON, e a meu filho, ALEXANDER

Amor, C.C.

Advertência cortês:

Embora este livro tenha sido, naturalmente, baseado em pesquisas minuciosas, é prometido que os fatos não sejam INTEIRAMENTE precisos do ponto de vista histórico.

Mapa





LUTA DE ESPADAS
EM ALTO-MAR
(APENAS PARA INICIANTES)



Thor estava **SERIAMENTE** aborrecido.

Ele enviara uma terrível tempestade de verão para devastar os mares que cercavam a pequena e gelada Ilha de Berk. Um vento sombrio uivava, sobrevoando as ondas selvagens e furiosas. Trovões irados estouravam no céu. Raios atingiam as águas.

Apenas um louco imaginaria que esse seria o tipo de clima ideal para velejar.

Mas, surpreendentemente, havia uma embarcação em alto-mar, lançada com violência de uma onda a outra, o oceano faminto mordiscando-a pelas bordas, louco para derrubá-la e engolir as almas a

bordo, triturar-lhes os ossos até virarem areia.

O louco responsável pelo navio era Bocão Bonarroto. O viking conduzia o Programa de Treinamento de Piratas na Ilha de Berk, e a viagem maluca era, na verdade, uma das aulas de seu currículo: Luta de Espadas em Alto-mar (Apenas para Iniciantes).



O.K.,
TURMA DE
ENCHARGADOS!
gritou
BOCÃO
BONARROTO.

— O.K., TURMADE ENCHARCADOS! — gritou Bocão, um lunático musculoso e peludo de dois metros de altura, com uma barba de furão e bíceps do tamanho da cabeça. — PRESTEM ATENÇÃO, PELO AMOR DE THOR. **VOCÊS NÃO PASSAM DE UM BANDO DE MEDUSAS MOLENGAS...** SOLUÇÃO, VOCÊ ESTÁ REMANDO FEITO UM MOLEQUE DE 8 ANOS... A PARTE GRANDE DO REMO PRECISA ENTRAR NA ÁGUA... NÃO TEMOS O ANO INTEIRO PARACHEGAR LÁ... — Etc. Etc.

Solução Spantosicus Strondus III rangeu os dentes quando uma onda grande chegou ruidosamente e atingiu-o bem no rosto.



Solução é, na verdade, o herói desta história, embora, olhando para ele, você jamais fosse presumir isso. Ele era bem miúdo e tinha um rosto totalmente comum.

Havia outros 12 meninos se debatendo para remar, e praticamente todos eles levavam mais jeito para Herói Viking que Solução.

Espinha-de-porco, por exemplo, tinha apenas 11 anos, mas já exibia boa quantidade de espinhas de adolescente e um fedor bem peculiar. Bafoca conseguia remar com mais força que os outros usando apenas uma das mãos, enquanto cutucava o nariz com a outra. Melequento era um líder nato. Perdido tinha cabelo nos ouvidos.

Soluço era um garoto absolutamente mediano, daquele tipo sem graça, magrinho, sardento, no qual ninguém repara.

Debaixo dos banquinhos dos remadores havia 13 dragões, um para cada menino.

O dragão de Soluço era muito, muito menor que os dos outros. O nome dele era Banguela, uma criatura verde-esmeralda do tipo Dragão Comum ou de Jardim, com olhos enormes e uma expressão rabugenta. Ele urrava para Banguela em dragonês.

— Esses vikings são m-m-malucos. Banguela e-e-está com as asas cheias de sal. Banguela está sentado numa poça de água fria. Banguela está com f-f-fome... A-A-ALIMENTE-ME. — O dragãozinho deu um puxão nas calças de Soluço. — Banguela precisa de c-c-comida AGORA.

— Desculpe, Banguela... — sussurrou Soluço enquanto o barco mergulhava loucamente em outra onda monstruosa. — Mas este não é um bom momento...



— SÓ THOR SABE — berrou Bocão — como vocês, BANDO DE INÚTEIS, conseguiram se iniciar na Tribo dos Hooligans Cabeludos... Mas agora vocês enfrentarão quatro anos difíceis no Programa de Treinamento de Piratas antes que possam ser chamados de VIKINGS.

"Que beleza!", pensou Solução, desanimado.

— Começaremos com a habilidade viking mais importante de todas... LUTA DE ESPADAS EM ALTO-MAR. — Bocão sorriu. — As regras dos piratas para o combate com espadas são... NÃO EXISTEM REGRAS. Nessa aula, morder, beliscar, arranhar ou fazer qualquer outra coisa bem maldosa garante pontos extras. O primeiro garoto que disser "Eu me rendo" será o perdedor

— Ou então nos afogaremos todos — murmurou Solução. — O que vier primeiro.

— AGORA — gritou Bocão —, EU ESCOLHO O PRIMEIRO COMBATENTE: BAFUCA DE MALUQUÍCIO, QUEM VAI ENFRENTÁ-LO?

Bafoca grunhiu de felicidade só de pensar no sangue espirrando. Ele era um menino bruto, de dedos peludos que quase tocavam o chão quando ele andava, tinha olhos pequeninos e cruéis, e usava uma argola imensa presa nas narinas, que lhe dava um ar de javali selvagem.

— Quem vai enfrentar Bafoca? — repetiu Bocão Bonarroto.

Dez garotos ergueram as mãos gritando animados "Euqueroporfavormeusenhor", empolgadíssimos com a ideia de apanhar de Bafoca de Maluquício até virar purê. Era previsível. A maioria dos Hooligans agia assim.

Porém, o fato mais surpreendente foi quando SOLUÇO saltou berrando:

— Eu me candidato: Solução Spantosicus Strondus III!

Aquilo foi excepcional, porque embora Solução fosse o único filho do Chefe Stoico, o Imenso, ele não era do tipo que tem naturalmente jeito para os esportes.

O garoto jogava batebolada muito mal e era ruim em todos os outros esportes violentos praticados pelos vikings, assim como seu melhor amigo, Perna-de-peixe.

Quanto a Perna-de-peixe, ele era estrábico, manco, tinha inúmeras alergias e era totalmente desprovido de coordenação motora.

— O que deu em você? — sussurrou Perna-de-peixe. — Sente-se aí, seu lunático... Ele vai matá-lo...

— Não se preocupe, Perna-de-peixe — disse Solução —, eu sei o que estou fazendo.

— Tudo bem, SOLUÇO — afirmou Bocão, surpreso.

— Venha até aqui, menino, e mostre-nos seu valor!

— Se ALGUM DIA vou ser Chefe desta Tribo — sussurrou Solução a Perna-de-peixe, enquanto começava a tirar a jaqueta e desembainhar a espada —, preciso ser herói em alguma coisa...

— Confie em mim — disse Perna-de-peixe —, ISSO NÃO É PRA VOCÊ... Você tem ideias inteligentes, sim. Sabe falar com dragões, sim. Mas entrar num combate cara a cara com um brutamontes feito Bafoca? De jeito nenhum, NÃO MESMO!

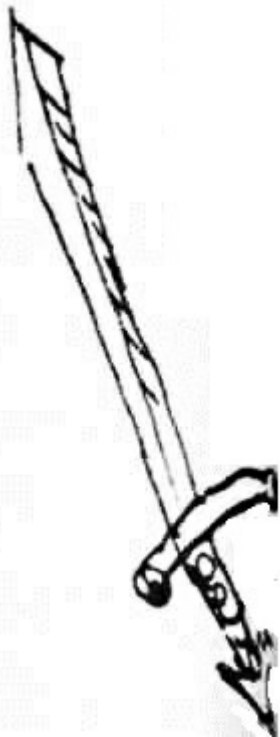
Solução o ignorou.

— Os Spantosicus Strondus sempre tiveram talento para lutar com espadas. Está em meu sangue... Veja meu tataravô, Barbadura, o Terrível. Ele foi o melhor espadachim DE TODOS OS TEMPOS...

— Sim, mas VOCÊ já empunhou uma espada antes? — indagou Perna-de-peixe.

— Bem, não — admitiu Solução. — Mas li muitos livros a respeito. Conheço todos os movimentos... O Golpe da Ponta Afiada... A Defesa Destruidora... O Ataque Barbadura... E tenho essa espada nova, ótima...

A espada era, realmente, excelente, uma Dalhecictriz de Ponta da espada, incrementada com listas para aumentar sua rapidez e com o punho forjado com o formato da cabeça de um tubarão-martelo.



← Da Hecicatrix de Pontadaes, 1994

— Além disso — afirmou Solução —, não vou estar correndo perigo de verdade...

Os Piratas em Treinamento usavam espadas com a lâmina coberta por uma proteção de madeira.

"Pelo amor de Thor, NO MEU TEMPO não usávamos esse tipo de coisa", dizia Bocão.

Contudo, aquilo REALMENTE garantia que mais Hooligans Cabeludos concluíssem vivos o Programa de Treinamento de Piratas.

Perna-de-peixe suspirou:

— Tudo bem, seu louco de pedra. Se precisa mesmo fazer isso... olhe nos olhos dele... fique com a espada erguida o tempo todo... e reze bastante a Thor, o deus do Trovão, porque você vai precisar de toda a ajuda do mundo...



**A LUTA CONTRA
BAFOCA DE MALUQUÍCIO**

Bafoca ficou de pé no deque, saltitando de pura animação.



↑
Bafoça de Maluquício

– MATE-O, BAFOÇA! – gritou Malvado Melequento, seu amigo e companheiro de maldades. Melequento ABOMINAVA Solução.

– Mato, sim – disse Bafoca, sorrindo.

– Vai ser um massacre – sibilou Lesma Marinha, o dragão de Bafoca, um Gronkel feio, imenso, com focinho de tomada e um mau gênio. – Meu mestre vai arrancar cada tripa de Solução e depois jogá-lo para as gaiotas.

– N-N-Não aposte nisso – Banguela disse sem muita convicção, e deu uma boa mordida na cauda de Lesma Marinha antes de ir se esconder debaixo dos bancos dos remadores.



Solução deslocou-se na direção da figura brutalhada de Bafoca, engolindo em seco. Ele tentou se lembrar do que o Manual do herói dizia sobre lutar com espada contra um adversário bem maior que você... Dicas do tipo: esquivar-se, cansar o oponente, usar a força do corpo do inimigo contra ele mesmo...

– N-N-Não deixe que ele p-p-pegue você! – aconselhou Banguela, que mostrou a cara por um instante embaixo do banco e voltou a se esconder assim que Lesma Marinha saltou em sua direção, rangendo os

dentes afiados.

Solução avançou com calma e cautela, olhando diretamente nos olhos pequenos e maldosos de Bafoca.

O valentão riu de um jeito nojento e desferiu um golpe de espada que passou raspando no alto da cabeça de Solução, que se abaixou.

— Isso, SOLUÇÃO! — disse Perna-de-peixe, torcendo. — É por aí mesmo!

Bafoca aparentou surpresa. Tentou atingir Solução novamente, com mais violência.

De novo, Solução esquivou-se do golpe.

Dessa vez, ele foi tão rápido que Bafoca perdeu o equilíbrio e quase escorregou.

— SO-LU-ÇO! SO-LU-ÇO! SO-LU-ÇO! — gritavam quase todos os meninos. (Solução era popular entre eles porque um mês antes enfrentara, sozinho, um Dragão do Mar que ameaçara a vida da Tribo inteira.)

Solução sentiu uma pontinha de felicidade. Isso foi legal.

Bafoca estava ficando bravo. Ele bufou com fúria e desferiu um golpe mirando o coração de Solução.

O garoto se esquivou do ataque com agilidade e... escorregou no limo que cobria parte do deque... e então Bafoca esticou o braço.... agarrou Solução pelas costas da camisa e o prendeu.

Isso já não foi tão legal.

"Tudo bem", pensou Solução. "Ele me prendeu. O que é que eu faço agora?"

Banguela saiu de debaixo do banco e, por um ou dois segundos antes de voar de volta para a segurança de seu esconderijo, parou bem diante do nariz de Solução e guinchou a plenos pulmões:

— R-R-RENDA-SE! R-R-RENDA-SE! R-R-RENDA-SE!

— Não posso me render! — disse Solução, indignado. — Meu destino é ser um Herói Pirata. Piratas não se rendem.

— Ah, que bom! — disse Bafoca, feliz, antes de acertar o capacete de Solução algumas vezes com a espada.

Solução tentava impedi-lo, mas os golpes vinham mais rápido do que ele conseguia se defender.

"Isso é constrangedor", pensou Solução quando a espada de Bafoca ressoou pela terceira vez em seu capacete. "Está na hora de tentar alguns golpes."

Soluço tentou a Defesa Destruidora. Ele podia se imaginar fazendo o golpe, elegante, estiloso. Mas quando seu cérebro enviou ao braço o comando de se mover, o que saiu foi um gesto atrapalhado, sem jeito, e Bafoca agarrou a pomposa Dalhecicatriz de Pontadaespada e a atirou no oceano.

Os vikings que assistiam a tudo assoviaram e gritaram muito.

Perna-de-peixe e Banguela estremeeceram.

— Banguela não consegue o-o-olhar — gemeu o pequeno dragão, cobrindo os olhos com as asas.

— O que você vai fazer, Soluço? — zombou Melequento. — Lutar com ele de mãos abanando? Ou SE RENDER?

— De jeito nenhum — disse Soluço, teimoso. Bafoca partiu para a finalização com uma série de socos de tirar o fôlego bem no estômago de Soluço.

— Ah, PELO AMOR DE THOR, Soluço! — gritou Bocão, exasperado. — Você está lutando feito um bebê. Não vai chegar a lugar algum se ficar no chão, gemendo. Morda o calcanhar dele, FAÇA ALGUMA COISA!

— Ele é um INÚTIL — gritou Melequento, feliz. — Soluço, o Inútil, eu não disse? Aquela matança de dragões no mês passado foi só um golpe de sorte. I-NÚ-TIL, I-NÚ-TIL, I-NÚ-TIL...

Os dragões fizeram coro, alegres:

— Arranque os olhos dele! — guinchou Garra Brilhante.

— Estraçalhe as asas dele! — gritou Lagarta de Fogo.

— R-R-Renda-se! — gemia Banguela.



Com um grunhido de satisfação, Bafoca jogou longe a própria espada e começou a fazer aquilo de que realmente gostava: o combate corpo a corpo. Bafoca era um artista em seu estilo. Ele adorava sentir a carne da vítima nas mãos, como um escultor faz com a argila.

Bafoca começou sentando-se em cima de Solução, para grande alegria dos demais meninos. Em seguida, espremeu a cabeça de Solução no deque, enquanto torcia a orelha dele.

— Ah com mil moluscos! — disse Perna-de-peixe, tampando os olhos. — VOCÊ AINDA PODE VENCER, SOLUÇÃO! — ele gritou. — USE O PESO DELE!

— Como? — perguntou Solução, pelo canto da boca esmagada. —

Como posso fazer isso com ele sentado em cima de mim?

Enquanto todos se concentravam em assistir ao massacre, Melequento sorrateiramente apanhou a espada de Bafoca e retirou a proteção de madeira.

— RENDA-SE! RENDA-SE! RENDA-SE! — gritou Melequento, pulando de animação.

— Não — disse Solução.

— Acho que o tonto do Solução vai começar a chorar! — berrou Melequento.

— I-NÚ-TIL! I-NÚ-TIL! I-NÚ-TIL! — entoaram os meninos.

Banguela então saiu de debaixo do banco de Espinha-de-porco. Olhou para a esquerda e para a direita, procurando por Lesma Marinha.



Era muita tentação...

Ali, bem à sua frente, estava o traseiro enorme de Bafoca. Era muita tentação. Banguela abriu a mandíbula o máximo que pôde.

Como sugere o nome, Banguela não tinha dentes. Mas suas gengivas pequenas e duras eram capazes de romper cascas de ostras e de estilhaçar as patas de um siri...

Ele saltou à frente e MORDEU aquele traseiro balançante o mais forte que conseguiu.

— AIIIIII!!!! — Bafoca gritou e soltou Solução, que saiu correndo o mais rápido possível.

Agora, Bafoca estava bravo de verdade.

O garoto agarrou a espada, sem perceber ou se importar com o fato de que ela estava sem o protetor de madeira, e desferiu um golpe furioso contra Solução. Ele saiu do caminho, mas a ponta afiada da lâmina arrancou um pedaço de sua camisa.

— Opa! — disse Solução, percebendo naquele instante que estava na maior encrenca. — Bafoca, sua espada está sem...

Mas Bafoca não estava ouvindo. Ele soltou um rugido enlouquecido, e sua espada passou rente ao topo da cabeça de Solução. O garoto se abaixou, a lâmina afiadíssima cortou um dos chifres de seu capacete e acabou cravada no mastro do barco.

— PARE! — berrou Solução detrás do mastro, enquanto Bafoca puxava com força a espada, tentando tirá-la dali. — Sua lâmina está sem proteção, você vai ME MATAR...

Bafoca, porém, estava tão irado que nada ouvia. Ele fez força para cima com os músculos vigorosos e a espada se soltou tão subitamente que o brutamontes caiu sentado, bem no lugar que Banguela mordera.

— AAAAAIIII!!!! — berrou Bafoca.

— Há! Há! Há! — riram os meninos.

Bafoca levantou-se, furioso feito uma baleia arpoada. Ele se atirou contra Solução soltando gritos de fúria. Embora o garoto tenha conseguido novamente se esquivar, dessa vez ele escorregou e caiu. Bafoca o imobilizou com uma de suas mãos gigantescas e com a outra ergueu a espada acima da cabeça.

— NÃO FAÇA ISSO! — gritou Solução desesperado, mas os olhos de Bafoca estavam tomados pelo prazer da luta, e ele começou a baixar a lâmina na direção do peito de Solução.



Esse teria sido o fim de Solução, não fosse um golpe de sorte extraordinário: naquele exato momento o barco balançou, movido por uma onda gigante, rolou para o lado e mergulhou histericamente... colidindo contra um objeto flutuante que, na mesma hora, perfurou o casco.

— Abandonem o barco! — gritou Lagarta de Fogo, e 13 dragões levantaram voo feito morcegos gigantes. (Dragões são leais a seus Mestres só até certo ponto.)

O barco partiu-se ao meio na mesma hora, lançando os vikings às águas. Depois, em dez segundos exatos, ele afundou até o leito do oceano com um suspiro de alívio.

Em um minuto Solução estava preso no abraço nada amoroso de Bafoca de Maluquício, no outro, ele nadava cachorrinho num mar de água fria de tirar o fôlego, congelar a espinha e parar o coração. Ficava difícil pensar em perguntas como: "Em nome de Odin, o que vamos fazer agora?"

Algo aterrissou no capacete de Solução com um sonoro "bum". Os olhos de Banguela o fitaram de cabeça para baixo.

— B-B-Boa luta, Mestre — disse ele. — A-A-Agora, onde está meu a-a-almoço?

— Você deve ter reparado que estamos no meio de um problema aqui — disse Solução, engolindo muita água salgada porque o peso de Banguela o empurrava para baixo. — Agora saia voando, por favor, e veja como está Perna-de-peixe, porque ele não sabe nadar.

Soluço sabia nadar, mas as ondas estavam gigantescas e violentas.
Era preciso se esforçar de verdade para se manter flutuando.

Banguela voltou um pouco depois, parecendo ansioso.

— P-P-Perna-de-peixe está m-m-mesmo precisando de sua ajuda,
Mestre. A encrenca é s-s-séria. Siga-me.

E desapareceu novamente.

Soluço pensava: "Não sei o que ele acha que eu posso fazer, por
Valhala!", quando aconteceu um milagre.

UMA CHANCE EM UM MILHÃO

O objeto que perfurara o barco, salvando Solução de morrer nas mãos de Bafoca de Maluquício, era uma CAIXA de quase dois metros de comprimento, imensa e muito pesada.



Agora ela flutuava perto do lugar onde o garoto estava. Havia duas alças de ferro nas laterais da caixa, tornando fácil segurar-se nela.

Vinte minutos antes, numa ilha que ficava a poucos quilômetros dali, alguns membros da Tribo dos Cabeças-ocas davam risadas ao atirarem aquela caixa no mar. Os ventos a conduziram por uma distância considerável naquele breve período.

E a chance de aquela caixa em particular, que se deslocara nas águas, sendo depois lançada a um oceano selvagem e bravio, bater justo na embarcação de Solução a tempo de salvar-lhe a vida deve ter sido uma em mil, para não dizer uma em um milhão.

Se você fosse uma pessoa imaginativa, poderia dizer que era quase

como se a tal caixa estivesse procurando por Solução.

Mas, como não somos do tipo ingênuo e sonhador, pensamos que isso seria ridículo.

Assim que Solução agarrou uma das alças da caixa com um suspiro de alívio, uma onda gigantesca ergueu a ele e à caixa bem, bem para cima, e depois os lançou para perto do local onde Banguela tentava impedir que Perna-de-peixe afundasse pela terceira e, possivelmente, última vez.

O dragão agarrou com firmeza as costas da camisa de Perna-de-peixe; suas asas batiam furiosamente, e a carinha verde tinha ficado avermelhada e brilhante enquanto ele se esforçava para impedir que o menino afundasse.

Perna-de-peixe tinha se agarrado a um pedaço de remo quebrado para se manter à tona, mas não ia conseguir se segurar por muito mais tempo, e teria se afogado não fosse a chegada súbita de Solução e daquela caixa misteriosa.

O mar ficou calmo durante alguns minutos, nos quais Solução e Banguela conseguiram colocar Perna-de-peixe, que estava exausto, em cima da caixa.

E lá ficou o menino, desajeitado feito uma marionete, aterrorizado, porém vivo.

Depois de cinco minutos no meio do frio mais indescritível, a violência dos ventos os lançou nas areias da Praia Longa. Surpreendentemente, os 13 meninos e o próprio Bocão tinham sobrevivido ao naufrágio.

Bocão não lhes deu exatamente uma acolhida calorosa.

— Hummm, bom trabalho, eu acho — disse ele, reticente, fungando um pouco. — Mas vocês levaram tempo demais. Firmeza aí, Perna-de-peixe. Você está muitíssimo atrasado para a próxima aula.

Assim que Perna-de-peixe conseguiu arrastar-se de cima da caixa e despencou na praia, sem fôlego, Bocão parou com a irritação.

Porque a caixa não era só uma caixa.

CUIDADO!

NÃO ABRAESTE CAIXÃO

Era um caixão.

Um caixão flutuante de aproximadamente dois metros, com a seguinte inscrição esculpida na tampa:

"NÃO ABRA!"

DE QUEM É ESSE CAIXÃO, AFINAL?



Os meninos então se reuniram em volta do caixão, esquecendo-se, em sua curiosidade, de que quase tinham morrido afogados.

— É um caixão, senhor.

— Sim, estou vendo, obrigado, Espinha-de-porco — respondeu Bocão, rispidamente. — A questão é: de quem é esse caixão?

A resposta estava escrita logo abaixo da frase "Não abra este caixão", em letras esculpidas com alguma espécie de punhal e tingidas com um líquido que poderia muito bem ter sido sangue.

***"AMALDIÇOADO SEJA AQUELE QUE
PERTURBAR OS RESTOS MORTAIS DE
BARBADURA, O TERRÍVEL,
O MAIOR PIRATA A TER
ATERRORIZADO AS
ILHAS INTERNAS."***

Soluço sentiu um calafrio na espinha e, subitamente, soube que algo muito ruim estava para acontecer.

Barbadura, o Terrível, era o tataravô de Soluço.

O Tesouro perdido de Barbadura, o Terrível era uma lenda muito popular entre os membros da Tribo dos Hooligans Cabeludos. Narrava como Barbadura, com sua competência como pirata e espadachim, conquistara um tesouro espetacular que incluía sua famosa espada, Lâmina da Tempestade.



Mas após vinte anos de glorioso reinado, Barbadura desaparecera durante uma expedição misteriosa, e nem ele nem seu tesouro jamais foram vistos novamente.

E agora, aqui, do nada, cem anos depois, seu caixão ressurgira nas praias de Berk... Era assustador.

— AHHHH! — disse Espinha-de-porco na maior animação. — O senhor acha que existe um TESOURO aí dentro? Podemos abrir, senhor? Por favor, por favor, podemos abrir o caixão?

Todos os outros garotos fizeram coro... com exceção de Solução.

Ele sabia que Barbadura fora o MÁXIMO em pirataria, O MAIS AMBICIOSO, HORROROSO E TEMEROSO viking que já navegara pelos

mares. Ele trucidava e detonava todos os seus inimigos nos mares do Norte.

Com ou sem tesouro, se um homem como Barbadura lhe dizia para não mexer em seu caixão, na opinião de Solução era melhor acatar sua ordem.

Mesmo que ele já estivesse morto há uma centena de anos.

Especialmente se ele já estivesse morto há uma centena de anos.

— Certo — disse Bocão, tão animado quanto o restante do grupo —, precisamos esquecer a aula de Descortesia Avançada. Esta é uma Descoberta Importante, e creio que deveríamos levá-la diretamente a Stoico, o Imenso, e aos Anciões da tribo. Facafiada, Abraço-de-urso, Espinha-de-porco, Perdido: levantem o caixão e levem-no até a Vila dos Hooligans...

Os meninos colocaram o caixão nos ombros.

— Não fiquem aí tremendo, suas lesmas preguiçosas! — gritou Bocão, louco da vida. — Estamos num Programa de Treinamento de Piratas, não em férias com a mamãe. **MARCHEM DEPRESSA**, um-dois, um-dois, um-dois...

Ele saiu num trote veloz em direção à Vila dos Hooligans.

Os meninos suspiraram e começaram a segui-lo, tropeçando.

Malvado Melequento e Bafoca de Maluquício passaram por Solução, que estava sentado em uma rocha grande, tentando recuperar o fôlego, tremendo muito.

— É uma pena que Bafoca tenha sido interrompido — zombou Melequento — bem na hora em que as coisas estavam ficando interessantes, não acha, Bafoca?

— Acho — sorriu Bafoca de Maluquício.

— Eu acho — disse Melequento, pensativo, aos demais garotos — que Solução deve ser o pior espadachim que JÁ VI. Vocês não acham, pessoal? Quer dizer, vamos encarar os fatos: Solução, um sujeito que luta feito uma vovozinha com problema de coluna, NUNCA será Chefe desta Tribo...



— Ah, então, quem será o Chefe da Tribo se não for Solução? — indagou Perna-de-peixe, ainda deitado com os braços abertos na areia, na posição exata de quando caíra do caixão. — Deixe-me adivinhar.. VOCÊ, eu imagino?

Melequento contraiu os músculos, o que fazia com e o esqueleto tatuado em seu bíceps direito parecesse dar um sorriso zombeteiro.

— Eu SOU a escolha óbvia, tenho sangue nobre... — Melequento era primo de Solução, filho de Barrigão Caído de Cerveja, o irmão caçula do Chefe. — Tenho carisma, sou bonito... — Ele alisou os pelos finos e bastante desagradáveis que estava tentando transformar num bigode. — E sou BRILHANTE em absolutamente tudo.

Infelizmente, isso era verdade. Melequento era ótimo em Violência Lunática, excelente em Descortesia Avançada e em praticamente tudo o mais.

— ...especialmente em luta de espadas — continuou ele, desembainhando a sua.

Os outros meninos suspiraram.

— Uau! — expirou Punho Rápido. — Uma superespada de lâmina dupla, extra-afiada, de última geração Lâminas internas curvadas, acabamento de prata... Onde foi que você conseguiu ESSA espada, Melequento?

— Esta é a Corte Voador — gabou-se Melequento, exibindo a bela espada para que todos pudessem vê-la. — Perto desta aqui, aquela Dalhecicatriz de Pontadaespada que Bafoca lhe fez o favor de perder parece uma faquinha de nada, não é, Solução? Vou lhe mostrar como é que se luta com uma espada. Este... — ironizou Melequento fazendo um movimento atlético — é o golpe Pontaria Perfeita...

Solução esquivou-se.

— E esta é a Defesa Destruidora...

Melequento soltou um uivo animal e baixou a espada na direção da cabeça de Solução, parando bem no instante em que cortaria o garoto ao meio.

— E este — zombou Melequento, brandindo a espada para um lado e para outro com perícia e depois saltando para a frente, a espada detendo-se a uns poucos milímetros do coração de Solução —, este é o Ataque Barbadura... Mas imagino que um perdedor como você, que não conseguiria vencer nem um bebezinho de 3 anos que usa fraldas, nunca tenha sequer ouvido falar desses golpes.

Solução ficou quieto.

— É ASSIM QUE SE LUTA, primo querido — debochou Melequento, embainhando novamente a espada. — É isso aí! — O garoto estava muito satisfeito consigo mesmo. — Sou um gênio. Vou ser o melhor Chefe que esta Tribo já teve.

— É uma pena que seu cérebro seja menor que o buraco de seu nariz — disse Perna-de-peixe.

Melequento fez cara de bravo por um segundo, e todos os outros garotos deram risada. Ele agarrou Solução pelo pescoço e o ergueu do chão.

— Impressionante como a proteção de madeira daquela espada caiu, não foi? — Ele cuspiu no rosto de Solução. — Você teve sorte daquela vez... mas a questão é: será que vai ter sorte SEMPRE? Pense nisso, seu PERDEDOR. Ande, Bafoca. Vamos deixar as meninhas descansarem um pouco.

Ele soltou Solução e depois continuou a trotar com passos pesados, dando um pisão de propósito na mão de Perna-de-peixe.

— Opa! — zombou Melequento.

— Há! Há! Há! — riu Bafoca de Maluquício. E eles saíram correndo.

— Se UM DIA Melequento for o Chefe desta Tribo, vou emigrar — disse Perna-de-peixe balançando a cabeça.

— Você está bem, Perna-de-peixe? — indagou Solução, preocupado, enquanto olhava para o amigo deitado de costas no chão.

— Perfeito — grunhiu o menino, cuspidando mais um pouco de água do Mar. — Eu adoro nadar de manhã cedo. E você?

— Não podia ser melhor, não mesmo — disse Solução, chateado, tirando uma bota do pé e derramando um tanto de água salgada e alguns peixinhos. — No primeiro dia do Treinamento de Piratas já fui humilhado por causa de minha luta de espadas ridícula, levei uma surra, meu navio naufragou e escapei por pouco de morrer afogado. E não são nem dez da manhã!

— Talvez o problema tenha sido a ESPADA — sugeriu Perna-de-peixe, fazendo a delicadeza de mentir.

Solução ficou alegre.

— Você pode estar certo — disse ansioso —, ela parecia muito leve em minhas mãos. Talvez eu precise de uma arma mais bruta, sabe, para dar mais peso quando eu balançá-la. — O garoto deu alguns golpes imaginários no ar. — Deve ser isso, porque ainda tenho a impressão de que serei bom com a espada, sabe?

— Ah, sei, simmm... — disse Perna-de-peixe, que não queria ferir os sentimentos de Solução confessando que aquela fora a pior luta de espadas que ele vira NAVIDA. — Você precisa PRATICAR bem mais. O que acha?

Solução fez que sim com a cabeça, entusiasmado, e disse:

— De qualquer modo, vamos procurar os outros. Estou morto de frio e tenho a terrível sensação de que algum idiota vai sugerir ABRIR o caixão, aquele mesmo caixão que traz uma inscrição clara dizendo NÃO ABRA. Esse é o tipo de coisa estúpida que eles fariam.

— O que você acha que tem ali dentro? — indagou Perna-de-peixe.

— Não sei — disse Solução —, mas um pirata como Barbadura, o Terrível, não teria escondido o tesouro sem alguma armadilha para guardá-lo. Você leu o que está escrito na tampa... Um homem como ele seria capaz de imaginar TODO TIPO de surpresas desagradáveis.

Perna-de-peixe suspirou e tentou se levantar. Ambos se dirigiram lentamente à Vila dos Hooligans, Banguela de carona no capacete de

Solução.

— Eles não iam querer abrir o caixão, não é mesmo? — disse Perna-de-peixe, preocupado. — Claro, claro, CLARO que eles não seriam tão estúpidos assim, não é?



**NÃO ABRA UM CAIXÃO
QUE TRAZ UM AVISO
DIZENDO "NÃO ABRA"**



Assim que chegaram à Vila dos Hooligans, Solução e Perna-de-peixe colocaram roupas quase secas. (Berk era um lugar tão úmido que as roupas nunca secavam de verdade. Elas no máximo ficavam quentes e molhadas, em vez de frias e molhadas.)

Os meninos correram o mais depressa que puderam na direção do Grande Salão.

Quando chegaram, Stoico tinha invocado o Grande Encontro de Todos, e o Grande Salão já estava entulhado de Hooligans Cabeludos adultos, que empurravam uns os outros para conseguir enxergar direito o caixão, colocado sobre uma mesa diante da lareira.

Pouco a pouco, Solução e Perna-de-peixe conseguiram esgueirar-se até atravessar a multidão.

— Ah, Solução! Você chegou! — disse Stoico, o Imenso, pai de Solução, distraído enquanto deliberava com os outros Anciões diante do caixão.

Stoico era um homem gigantesco e aterrorizante, ruivo, com uma barriga protuberante que parecia chegar a qualquer lugar antes do restante do corpo.



— Que descoberta interessante você fez aqui, meu menino — disse Stoico, acariciando a cabeça do filho com orgulho. — O Tesouro Perdido de Barbadura, o Terrível, hein?

— Sim, pai, mas... — disse Soluço.

— Estávamos para abrir o caixão — informou Stoico.

— Mas o que estou tentando dizer — interrompeu Velho Enrugado

(o mais sábio e antigo Ancião da Tribo dos Hooligans Cabeludos) — é que está escrito muito nitidamente na tampa do caixão: "NÃO ABRA ESTE CAIXÃO. Amaldiçoado seja aquele que perturbar os restos mortais de Barbadura, o Terrível, o maior pirata ou ter aterrorizado as Ilhas Internas"... Segundo minha experiência, é sempre uma boa ideia NÃO ABRIR um caixão que traz na tampa um aviso dizendo "NÃO ABRA"...

— Concordo — disse Solução, nervoso. — Barbadura, o Terrível, era um sujeito desgraçado. A pessoa que abrir o caixão pode passar por um susto horrível.

— Besteira — zombou Stoico, o Imenso. — Um aviso desses, para assustar ladrões de túmulos, não vai deter vikings aterrorizantes como nós. Será que homens que sorriem diante da face da morte, que cospem no olho do grande furacão, deveriam temer uma maldiçozinha para assustar crianças e velhos?

A multidão respondeu com gritos de "Não!" e "Não mesmo, senhor!"

— Todos aqueles a favor de abrir a caixa para ver se o Tesouro Perdido de Barbadura está dentro dela, digam SIM!

— SIM! — berrou cada membro da Tribo dos Hooligans Cabeludos, com exceção de Perna-de-peixe, Velho Enrugado e Solução.

— S-S-Salve-se quem puder! — Banguela gritou e se escondeu debaixo da camisa de Solução.

Perna-de-peixe se afastou, esgueirando-se entre a multidão.

— NÃO é uma boa ideia, NÃO é uma boa ideia, NÃO é uma boa ideia — murmurava Solução, que começou a recuar enquanto Stoico tentava arrebentar os fechos de ferro.

— NÃO é uma boa ideia, NÃO é uma boa ideia, NÃO É UMABOA IDEIA — ele continuava repetindo quando Stoico ergueu lentamente a tampa do caixão, que rangeu...

c r - a - a - a - a - a - a - a - a - a - a - a - a - c . . .

A tampa fez um estrondo ao cair no piso.

Stoico saltou para longe, tentando fugir da água salgada que espirrou para todos os lados.

Os vikings fizeram o maior esforço para não aparentar nervosismo.

Stoico espiou dentro do caixão.

Seguiu-se uma pausa.

— Ele não era nada bonito, hein? — resmungou Stoico, o Imenso, tentando exibir a coragem de quem ri diante da morte.

— Hum, não sei, senhor — disse Bocão Bonarroto, inclinando-se também para enxergar melhor. — Acho que consigo perceber alguns traços familiares.

— Ah, sei o que quer dizer — falou Barrigão Caído de Cerveja, e inclinou a cabeça, pensativo. — Ele se parece muito com a tia-avó Robustina.

Soluço obrigou-se a abrir os olhos. Se ele estava destinado a ser um pirata, precisava se acostumar com esse tipo de situação. O garoto forçou-se a espiar pela borda do caixão e olhar lá dentro.

Ali, num estado de decomposição verde e amarelo, estava o cadáver de Barbadura, o Terrível. Não era tão horrendo, afinal. A cara estava toda oleosa e molhada, mas não parecia cheia de larvas ou bichos nojentos. Na verdade, o rosto parecia em paz, deitado, imóvel...

Então Soluço teve certeza de ter visto um dos dedos brancos mexer levemente.

O garoto piscou e fixou o olhar.

Por um instante, nada aconteceu. E depois... de novo.

Definitivamente, um leve movimento.

— O ca-cadáver! — gaguejou Soluço. — Está se me-mexendo.

— Que besteira, menino! — zombou Bocão. — Como poderia se mexer? Ele está MORTO, não está? — E então cutucou o corpo com seu gorducho dedo indicador



O cadáver de Barbadura, o Terrível, ergueu-se de uma só vez, impulsionado por alguma energia macabra, os olhos amarelos se arregalaram,

o rosto verde, oleoso, contorceu-se em um sorriso medonho.

— Aaaaaaargh — grunhiu o corpo de Barbadura, o Terrível, bem na cara de Bocão Bonarroto.

— AAAAAAAAAAAAAAAAAARGH! — gritou Bocão, dando um salto imenso no ar, o cabelo e a barba arrepiados de susto.

— AAAAAAAAAAAAAAAAAARGH! — gritou o restante da Tribo.

Isso porque, apesar de os Hooligans realmente rirem diante da face da morte e cuspirem no olho do Grande Furacão, eles têm um pavor mórbido do SOBRENATURAL.

Stoico mergulhou debaixo da mesa com os braços cobrindo a cabeça, acreditando tolaemente que se não olhasse para A COISA, A COISA não olharia para ELE.

A água salgada espirrava do caixão. O corpo de Barbadura, o Terrível, produzia ruídos nojentos. As veias de seus olhos amarelos arregalados aumentaram, a boca acinzentada tremia horrivelmente.



O único a ficar calmo foi Velho Enrugado.

— Não entrem em pânico — disse ele —, este NÃO é o cadáver de Barbadura, o Terrível...

Solução estava imóvel de puro terror. Mas, como confiava em Velho Enrugado, abriu os olhos.

Ninguém mais reparou nisso. Estavam todos em pânico.

— Odin proteja-me da estupidez humana — murmurou Velho Enrugado, e começou a berrar, pois essa era a única linguagem que os Hooligans compreendiam. — **NÃO ENTREM EM PÂNICO! ESSE NÃO É O CADÁVER DE BARBADURA, O TERRÍVEL!**

Enquanto ele berrava, dava tapinhas nas costas do cadáver que não era um cadáver. A água esguichava por toda parte, saindo do nariz, das orelhas e da boca da criatura.

Não era o corpo de Barbadura, o Terrível. Agora que a figura se recuperava do ataque de tosse, via-se que era um homem alto, de boa aparência, vivinho da silva, ainda que estivesse um pouco esverdeado por causa da água do mar.

— Então... — disse Stoico, de debaixo da mesa — esse

DEFINITIVAMENTE NÃO É o cadáver de Barbadura, o Terrível?

O cadáver que não era um cadáver fez que não com a cabeça:

— Ah, não — ele disse, sem energia —, definitivamente não. É fácil confundir, mas não sou, não.

E ele deslizou para fora do caixão junto com a água que jorrava. Retirou o capacete e, diante da situação, curvou-se elegantemente, em cumprimento.

— Meu nome é Alvin. Alvin, o... hum... o Fazendeiro Pobre e Honesto.

Alvin tinha olhos ágeis, espertos e simpáticos. Um bigode elegante, comprido, um pouco caído por causa da água do mar. Ele deu um sorriso charmoso e sincero (embora alguém mais exigente pudesse achar que ele tinha dentes demais).

Alvin deu um passo adiante para lascar um tapinha na cabeça de Soluço.

— E VOCÊ, quem é, garotinho?

— Soluço Spantosicus Strondus III — gaguejou o menino.

— Saudações! — disse Alvin, o Fazendeiro Pobre e Honesto.

Ele se deteve para espiar debaixo da mesa.

— Imagino, pelo ar de autoridade nata, que seja o Chefe desta Tribo?

— Stoico, o Imenso — respondeu o viking.

Alvin levou a mão à testa.

— Não O Stoico, o Imenso, Terror dos Mares, Grande Líder dos Hooligans, Aquele Cujo Nome Faz Tremer? Por uma coincidência **EXTRAORDINÁRIA** você é justamente quem eu vinha procurando.

Stoico saiu de debaixo da mesa, levantou-se e estufou o peito, dizendo de modo muito caloroso:

— Esse sou eu! Posso saber, já que você não é o cadáver de Barbadura, o Terrível, o que, em nome de Odin, estava fazendo dentro desse caixão?

— Que pergunta excepcionalmente inteligente — replicou Alvin, entusiasmado. — Será que poderia sentar-me nessa cadeira de aparência tão confortável? O dia foi longo...

— Claro, claro — disse Stoico, limpando o trono.

— Seria um prazer lhe contar minha história... — disse Alvin.



CUIDADO
NÃO ABRA
ESTE CAIXÃO

Ahaldisoado seja
aquele que perturbar os
vistos mortais de
Arbaduta, o TERRÍVEL

O maior
pirata a ter
aterrorizado as
Ilhas Internas

**A HISTÓRIA DE ALVIN,
O FAZENDEIRO POBRE
E HONESTO**



Toda a Tribo dos Hooligans Cabeludos sentou-se de olhos arregalados,

em silêncio, enquanto Alvin se acomodava no trono de Stoico para contar sua história.

— Fui enfiado no caixão por umas pessoas muito rudes, que não só não acreditaram na história que vou lhes contar como também suspeitaram de que eu fosse um ladrão qualquer. Eles me jogaram ao lado do porto da ilha e gargalhavam de um jeito grosseiro...

— Os Cabeças-Ocas — disse Stoico, que conhecia bem a turma. — Eles tinham um líder alto, caolho, com bafo forte, que atendia pelo nome de Morgadão?



— Isso me parece familiar — admitiu Alvin.

— Mas, antes de tudo, como é que você encontrou o caixão? — indagou Stoico.

— Sou um fazendeiro pobre e honesto — respondeu Alvin —, e muito tempo atrás, no País da Paz, bem longe daqui, eu estava escavando a terra para... hum... plantar batatas, quando encontrei esse caixão que... bem... abriu-se nas minhas mãos.

— E quando você abriu o caixão que traz um aviso que diz claramente "NÃO ABRA" na tampa, não teve nenhum tipo de surpresa? —

perguntou Velho Enrugado, com uma cara pensativa.

— Pode-se dizer que sim — Alvin admitiu com um sorriso bem-humorado que talvez não parecesse lá tão espontâneo — Eu abri o caixão e enfiei a mão, inocentemente, só para tatear algo lá dentro... então a tampa se fechou com a força de uma dentada de tubarão e decepou minha mão de uma só vez.

Alvin ergueu o braço direito.

Ali, no lugar da mão, havia um gancho de ferro.

Os Hooligans deram um suspiro, horrorizados.

— Caríssimo — disse Stoico —, **QUE ARMADILHA!** Peça-lhe desculpas em nome de meu bisavô. Ele realmente tinha um senso de humor terrível.

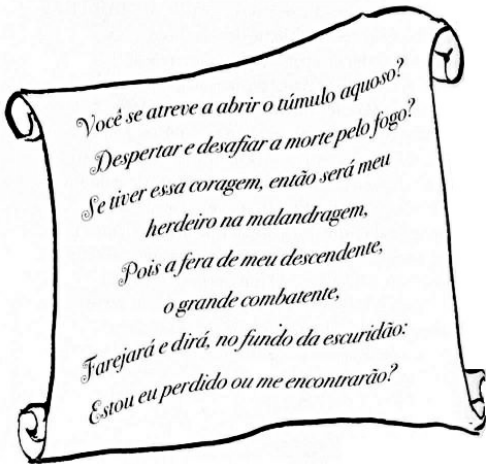
— É... — disse Alvin, sorrindo alegremente mais uma vez. — Mas, felizmente, nós, os Fazendeiros Pobres e Honestos, temos senso de humor... E isso — ele gesticulou com a garra — é bem útil na hora de abrir ostras... Agora, de volta à minha história: quando fui abrir novamente o caixão, tomei todo o cuidado, desmontando primeiro a armadilha, mas lá dentro não havia qualquer sinal de tesouro, nem sequer do corpo de Barbadura, o Terrível... O que encontramos foi...

Toda a Tribo dos Hooligans Cabeludos inclinou-se ansiosa, as bocas abertas, os olhos arregalados...

— ...este mapa*... e esta charada.

* Veja o mapa grande [aqui](#).





Alvin tinha enfiado a mão no bolso da camisa e tirava dali o mapa e a charada, para que todos vissem.

— Ah... — disse Stoico, muito desapontado. — Nada de Barbadura? Nada de tesouro? Nada da Lâmina da Tempestade? Só dois pedacinhos de papel?

— Ah, mas Stoico — disse Alvin, habilidoso —, acontece que é com esses papezinhos que nós CHEGAREMOS ao tesouro de Barbadura.

— NÓS? — indagou Velho Enrugado. — Algo está me intrigando nisso. Você tem a charada, o mapa... Por que não vai atrás do tesouro sozinho? Por que nos procurava?

— Mas isso seria desonesto! — disse Alvin, de um jeito virtuoso. — Todos conhecemos a Lenda do Tesouro Perdido de Barbadura, o Terrível... Esse tesouro pertence a vocês, os descendentes dele. Além disso, há a questão da charada. Ela deixa bem claro que o tesouro não pode ser

encontrado por qualquer pessoa...

Alvin limpou a garganta.

— Então, vejam bem — disse ele —, parece que só o herdeiro de Barbadura, o Terrível, pode encontrar o tesouro... E só o dragão dele será capaz de farejá-lo. Imagino que ele se refira a um dragão quando diz "a fera".

Dragões têm faro excelente e são ótimos para encontrar tesouros. Um bom dragão pode farejar ouro e metais preciosos mesmo quando enterrados bem fundo.

— E eu não seria capaz de encontrar esse tesouro sozinho — disse Alvin —, porque não tenho jeito com dragões. Eles simplesmente NÃO GOSTAM DE MIM, não sei por quê. De qualquer modo, eu me pergunto se algum de vocês faz ideia de como solucionar a charada. Você, por exemplo, Stoico, que é tão rápido e certo?

Stoico fez o possível para parecer inteligente.

— Hummm, essa charada é das difíceis...

Soluço olhou o mapa.

— Pai, você não acha que, quando fala da morte ele pode estar se referindo à Ilha da Caveira? — sugeriu o garoto. — O símbolo da morte é uma caveira, afinal...

— Claro! — gritou Stoico. — A Ilha da Caveira! É lá que está o tesouro!

A Ilha da Caveira era um pequeno naco de terra na costa oeste de Berk que tinha a forma de um crânio e dois ossos cruzados. Era a imagem que Barbadura usava em sua bandeira e, pelo que era mais famoso ainda, no capacete.

— Então, essa aqui é a Ilha da Caveira, certo? — sussurrou Alvin, os olhos brilhando, enquanto apontava para o mapa. — É aqui que vamos achar nosso tesouro?

Para surpresa de Alvin, os Hooligans começaram a rir.

— Encontrar o tesouro nessa ilha está fora de questão — disse Stoico, divertindo-se. — Ninguém nunca conseguiu sair dali com VIDA. — Soluço, você que é perito em dragões, explique ao Alvin como são os Caveiras...

— O Caveira — disse Soluço, sempre feliz ao responder uma dúvida de história natural — é uma espécie muito rara, um dragão sem habilidade de voo. Apesar de ser cego e quase surdo, trata-se de um dos mais temíveis predadores. Ele caça em grupo, usando apenas o olfato altamente

desenvolvido...

— Tudo bem, tudo bem — disse Stoico, apressado —, já dá para ter uma ideia...

— Ele tem garras extralongas e superafiadas — continuou Solução — e as usa para ferir as vítimas bem no tendão de aquiles, acima do calcanhar, para que não consigam andar. Depois ele as devora vivas! Não é NADA bom.

— Ahhhh... — disse Alvin. — Entendi o problema. Mas tenho certeza de que um homem inteligente como você, Stoico, será capaz de conduzir a busca do tesouro na Ilha da Caveira a despeito de tudo isso.

— Buscar pelo tesouro na Ilha da Caveira seria uma completa loucura — disse Velho Enrugado, com firmeza.

— A espada de Barbadura, a Lâmina da Tempestade, será parte desse tesouro — acrescentou Alvin. — Se vocês usassem a espada, o nome dos Hooligans Cabeludos seria novamente temido em todo o território bárbaro...

- OS DRAGÕES VIKINGS E SEUS OVOS -

O CAVEIRA

O Caveira é um dragão de mais ou menos dez metros de altura. Perdeu a habilidade de voar, a visão e a audição, mas seu olfato é fenomenal e ele devora o que quer que cruze seu caminho. Trata-se de um animal impossível de ser treinado e extremamente perigoso.

~ ANÁLISE ~

CORES: Preto e roxo.

ARMADOS DE: Presas terríveis, garras etc..... 9

RADAR: Sim, além de olfato poderoso 7

VENENO: Nenhum 0

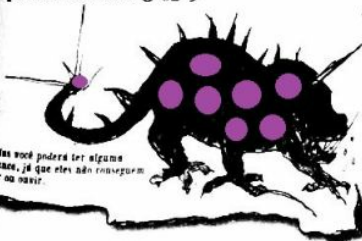
HABILIDADE DE CAÇA:

Você não vai querer ser a presa dele 9

VELOCIDADE: Muito, muito rápido 9

FATOR MEDO E INABILIDADE DE

COMBATE: Nojento, de uma selvageria sem precedentes 8 ou 9



* Mas você poderá ter alguns chances, já que eles não conseguem ver ou ouvir.

Stoico acariciou a barba, pensativo.

— E você, Stoico — prosseguiu Alvin —, imagine-se com diamantes

reluzindo na barba, uma armadura dourada, a Lâmina da Tempestade flamejando de maneira terrível em suas mãos, braceletes nesses punhos tão vigorosos. Consigo até ver Morgadão ajoelhando-se humildemente a seus pés. Que cena seria!

Stoico encolheu a barriga e contraiu os músculos. Ele sempre se imaginara, secretamente, usando um par de brincos.

— **FAREI A BUSCA DO TESOURO!** — ele berrou. —

COMPANHEIROS HOOLIGANS! Vou liderá-los na busca do tesouro de nossos ancestrais!

— Mas isso é loucura! — gritou Solução. — Aquele que puser o dedão do pé na ilha será comido vivo numa fração de segundo! É suicídio até mesmo pensar nisso!

Todos estavam aclamando Stoico tão alto que não conseguiram ouvir as palavras de Solução.

— A glória e a riqueza serão nossas — berrou Stoico, dando tapinhas nas costas de Alvin.

— E lá vamos nós... — Solução gemeu baixinho.

TREINAMENTO DE LUTA DE ESPADAS E BUSCA DO TESOURO



Na opinião de Solução, tudo dera errado a partir do momento em que Alvin, o Fazendeiro Pobre e Honesto, foi tirado do caixão. Não por culpa dele, claro. Alvin era uma companhia divertida e agradável.

Ele fazia as mulheres corarem ao elogiar seus músculos e suas longas tranças louras. Provocava risos nos homens com piadas grosseiras e hilariantes e com suas opiniões sobre Morgadão, o Cabeça-oca. Conquistava as crianças contando-lhes histórias sobre artimanhas e batalhas dos heróis antigos.

Solução também gostava dele.

Alvin chegou perto de Solução, certo dia, quando o garoto estava

praticando com a espada pela segunda e deprimente hora.

Soluço ensaiava o Ataque Barbadura, mas falhava em todas as tentativas. Stoico lhe dera uma nova espada para substituir Dalhecicatriz. Era uma arma muito impressionante, larga e pesada, chamada Pontalonga.

— É uma espada de ótimo COMPRIMENTO, meu garoto — Stoico falara. — Certamente vai compensar o fato de você ter um braço tão curtinho. Você terá mais alcance.

Mas Soluço tinha dificuldade em manter a espada em equilíbrio, e sempre que se lançava num golpe acabava caindo para a frente. Ele estava se levantando de um tombo e, exausto, apanhava a espada para tentar novamente quando Alvin, o Fazendeiro Pobre e Honesto, surgiu atrás dele e disse:

— Você é Soluço, não é?

O garoto levou um susto tão grande que quase caiu outra vez. Ele não tinha percebido que estava sendo observado.

— Você é o herdeiro de Stoico, o Imenso, certo? — disse Alvin, sorrindo.

Soluço suspirou.

— Sim, espero que sim — disse ele. — A ideia é mais ou menos essa. Mas a não ser que eu melhore com a espada, nunca serei herdeiro de nada. NÃO TENHO JEITO para a coisa.

— Não, não — Alvin reconfortou o garoto —, você tem um talento natural para isso, posso ver. Só precisa de um bom instrutor e pronto. Vou lhe mostrar.

Alvin colocou cuidadosamente o capacete ao lado das samambaias, só por precaução. Soluço observou, fascinado, enquanto ele retirava o gancho preso a seu braço direito e colocava no lugar um mecanismo para prender a espada. Então, Alvin desembainhou sua espada e mostrou a Soluço como encaixá-la no aparelho. Ele girou a arma até ficar bem firme, para evitar que caísse.

— Trata-se de um aparelhinho esperto que eu mesmo projetei — disse Alvin. — Acho que agora luto melhor que antes do acidente...

Ele torceu o bigode e demonstrou como fazer o Ataque Barbadura:

— Veja, seu peso deveria ir para o pé esquerdo. Soluço o acompanhou cuidadosamente e... caiu de novo.

— BRAVO! — Alvin aplaudia, para surpresa de Soluço.

— Mas eu caí de novo — disse o garoto.

— Mas caiu com ESTILO — respondeu Alvin. — Isso é algo que não se ensina, está no sangue...



Alvin substituiu a espada pelo gancho e apanhou do chão seu capacete. Ele fez uma careta ao colocá-lo novamente na cabeça. Tirou-o de volta e espiou lá dentro.

— Parece que tem um pouco de LAMA aqui, algum tipo de lama FEDIDA...

— Receio que sua cabeça esteja toda suja, senhor — disse Solução.

Alvin deu a impressão de ficar horrorizado. Ele era muito cuidadoso com sua aparência e correu para se limpar.

Banguela, que estivera caçando ratos por entre as samambaias,

aproximou-se para espiar por cima do ombro de Solução. E caiu na risada.

Finalmente, quando recuperou o fôlego, ele disse:

— F-F-FIZ caca dentro do capacete dele...



— BANGUELA! — esbravejou Solução. — Isso é nojento, uma grosseria! Por que você fez sujeira dentro do capacete do Alvin?

— E-E-Ele é um HOMEM MAU — retrucou Banguela.

— Quem é mau? Alvin, o Fazendeiro Pobre e Honesto? — perguntou Solução, surpreso. — Não seja tão preconceituoso, Banguela, só porque ele não é daqui não quer dizer que seja malvado...

— P-P-Pense o que quiser. — O dragãozinho deu de ombros, catando pulgas nas asas. — Banguela acha que ele é um p-p-pária.

Solução estremeceu, nervoso.

Párias eram vikings tão cruéis e terríveis, tão mentirosos e ladrões, que haviam sido expulsos da sociedade viking habitual e formado uma tribo própria e extraordinariamente ameaçadora. Dizia-se até que alguns párias devoravam seus inimigos.

— Ah, o que é ISSO... — protestou Solução. — Ele não se PARECE nem um pouco com um pária.

— E v-v-você já viu um pária? — indagou Banguela.

— Bem, não — admitiu Solução — mas nem você, e não há prova de que ele seja um deles. Vamos embora almoçar e esquecer essa bobagem.

Mas a conversa plantou uma semente de dúvida na mente de Solução.

Ele já estava se sentindo desconfortável, porque sabia que ele e os outros garotos participariam da busca suicida na Ilha da Caveira, que teria início assim que Stoico e Alvin tivessem elaborado um plano para evitar aquele pequeno problema: todos serem devorados vivos no exato momento em que pisassem na ilha.

Ele sabia que ele, Solução, na qualidade de Herdeiro dos Hooligans Cabeludos, era a pessoa destinada a encontrar o tesouro. Então, quando não estava praticando luta de espadas ou ouvindo os berros de Bocão no Programa de Treinamento, Solução levava Banguela para o ar livre e o treinava para farejar tesouros.

A primeira manhã foi típica. Perna-de-peixe apareceu com sua dragão, Vaca Aterrorizante, e ambos ficaram observando com educado assombro enquanto Solução tentava fazer com que Banguela saísse pela porta da frente.

Primeiro, Solução andou a casa inteira gritando o nome do dragão.

Ninguém respondeu.

Em seguida, Solução roubou um peixe da despensa.

— Ahhh, Banguela — ele cantarolou afinado, balançando o peixe malcheiroso para atrair a atenção do dragão. — Tenho um peixinho maravilhoso aqui, para você...

Uma voz abafada, mas solícita, respondeu:

— B-B-Banguela está doente. B-B-Banguela não consegue sair porque está passando M-M-MUITO, MUITO mal.

— Então você não quer essa comidinha aqui? — cantarolou Solução.

Outra pausa.

— P-P-Peixe faz bem ao doente. Pego a comidinha, mas NÃO SAIO.

Solução percebeu de onde vinha a voz. Ele espiou o alto da chaminé, e lá estava Banguela, de cabeça para baixo e envolvido por uma nuvem de fumaça.

— NÃO, Banguela. — disse Solução, com a voz firme. — Para ganhar o peixe, você precisa vir, ESSE é o trato. E você precisa prometer.

— Tudo bem, então — disse Banguela, voando para fora da chaminé.

— Banguela p-p-promete.



Soluço estendeu o peixe para Banguela, que, aos gritos de "B-B-BANGUELA CRUZOU AS GARRAS!", agarrou a comida, empurrou o peito de Soluço com força e desapareceu, na maior velocidade, enquanto o garoto caía na nuvem de cinzas da lareira.

Não demorou muito até que Soluço o encontrasse novamente.

Uma fumacinha cinza-azulada bem denunciadora subia da cama de Stoico.

Soluço caminhou na ponta dos pés e arrastou o pequeno dragão para fora das cobertas.

Com um guincho de raiva, Banguela cravou as poderosas garras na guarda da cama. Soluço o pegou pela cauda e puxou.

– VAMOS, Banguela – disse Soluço –, está na hora de farejar...

Ele fez cócegas debaixo da asa do dragão. Banguela riu um pouco e ficou com a cara corada. Soluço fez cócegas debaixo da outra asa.

Banguela então se rendeu, caindo na risada, e, por um momento, tudo saiu um pouco de controle. O dragão deu várias mordidas em Soluço

até que o menino finalmente o enfiou debaixo do braço e prendeu seu focinho com a mão.

— Agora. — disse Solução —, você sabe que precisa farejar mais. Quer que a gente encontre o tesouro, não é? Ou prefere que seja Lagarta de Fogo ou Lesma Marinha? Você quer ou não quer mostrar a todos que os dragões do tipo Devaneio Banguela são fantásticos farejadores?

Banguela assentiu, ainda com Solução prendendo seu focinho.

— Bem, então precisamos treinar — disse Solução. — Promete que não vai mais me morder, e sem cruzar as garras?

Assim que Solução tirou as mãos de Banguela, o dragão ficou molenga e caído.

— B-B-Banguela está f-f-fraquinho... não dá para farejar desse j-j-jeito... — Ele gemeu pateticamente.

— CERTO! — disse Solução. — Eu lhe dou metade do peixe se você SE COMPORTAR BEM DE AGORA EM DIANTE.

— Tudo bem, então — murmurou o dragão, balançando as asas. — Os D-D-Devaneios Banguelas são farejadores tão b-b-bons que não precisam ficar p-p-praticando, mas tudo bem.

Solução e Perna-de-peixe cataram os restos nojentos de peixe que ficaram na cama de Stoico — o viking NÃO ia gostar de ver aquela sujeira — e deram a Banguela, com uma pequena torta de pescada e três ou quatro ostras.

— O bicho não vai conseguir VOAR desse jeito — disse Perna-de-peixe.

Eles partiram para as colinas e os pântanos de Berk, Banguela gemendo durante todo o caminho.

— C-c-carregue o Banguela, c-c-carregue o Banguela, minhas a-asas doem... Já estamos c-c-chegando?

Berk era um local de aparência selvagem, sem árvores, cheio de pântanos, plantas e relva ao vento. E, claro, chuvas de todo tipo caíam praticamente o tempo inteiro, da garoa persistente e fria até aqueles aguaceiros que encharcam tudo. (Existem 28 palavras que querem dizer "chuva" no idioma dos Hooligans.)

Se você gostasse de paisagens ermas e sombrias, Berk até que tinha seus atrativos, mas agora estava desfigurada pelos buracos imensos e lamacentos que os Hooligans cavavam em todo canto desde que tinham ficado obcecados com a caça ao tesouro.

Como precisavam desviar dos buracos e andar com água do pântano até a cintura, os meninos levaram uma hora ou mais para alcançar a colina onde seria o treinamento. E quando chegaram lá, Vaca Aterrorizante tinha caído num sono tão profundo no ombro de Perna-de-peixe, que era impossível despertá-la.

Soluço retirou do bolso um bracelete de ouro de sua mãe e pediu a Banguela que o cheirasse.

— Esse é o cheiro que você está procurando — disse ele.

— S-S-Sem problema — disse Banguela —, isso é m-m-molezinha...

Depois de duas horas de calor e falta de ar pela correria atrás de Banguela, cavando sempre que ele farejava algo, os meninos examinaram seus achados.

1 nabo

3 coelhos (Solução não deixou Banguela pegá-los)

1 colher de chá quebrada

Hum... Só isso. Mesmo. Soluço balançou a cabeça, chateado.

— Isso não é bom, não é mesmo?

— Não é bom? NÃO É BOM? — exclamou uma voz zombeteira atrás deles. — Isso é patético, isso sim!

Soluço virou-se e deu com o Melequento rindo tanto que Bafoca teve de ampará-lo.

— Quer dizer que vocês têm um VEGETAL e um TALHER?

Melequento limpou as lágrimas dos olhos.

— Tudo isso é tão maravilhosamente Inútil... Você realmente pensa — disse Melequento quando se recuperou das gargalhadas — que essa ameba microscópica — ele apontou para Banguela — vai levá-los ao TESOURO? Ele mal consegue farejar a própria barriga...

Banguela ficou muito irado.

— Mas também, né, ele é só um Dragão Comum ou de Jardim... — zombou Melequento.

— Banguela não é um D-D-Dragão Comum ou de Jardim! — gritou o dragãozinho. — Banguela pertence a uma espécie muito rara. c-c-chamada Devaneio Banguela...

— Agora, Lagarta de Fogo, essa sim é um Pesadelo Monstruoso, uma caçadora de sangue verde de raça pura... Vejam o que um VERDADEIRO

dragão de caça pode encontrar quando começa a farejar..

Melequento pegou a bolsa que trazia na cintura e tirou dali um prato grande de prata, uma adaga com runas antigas esculpidas no cabo e alguns belos colares de contas.

— E isso é resultado de uma única tarde de trabalho — disse Melequento.

Lagarta de Fogo ronronou com prazer. Ela encolheu seus ombros belos, brilhantes e avermelhados.

— Para o faro de uma aristocrata como eu — ela sibilou —, isso cheirava tanto quanto um peixe podre.

— É claro — disse Banguela. — Para quem tem um nariz do t-t-tamanho de uma tromba de elefante, qualquer coisa é-é-é fácil de farejar.

As narinas de Lagarta de Fogo se abriram furiosamente.

— Meu focinho é bom, bonito e proporcional — ela respondeu, irada.

— Calma aí, Lagarta de Fogo — disse Melequento, que não entendia dragonês, mas percebia que os dois estavam trocando insultos. — Não deixe que esses camponeses a aborçam. Pense apenas que quando chegarmos à Ilha da Caveira você vai farejar o tesouro e todo mundo vai saber que eu sou o verdadeiro herdeiro da Tribo dos Hooligans Cabeludos. Belo pensamento, não é mesmo, Inútil?

Melequento inclinou-se e, com a borda do prato que tinha em mãos, empurrou Soluço gentilmente para trás, até que ele perdeu o equilíbrio e caiu na lama.

— Há! Há! Há! — gritaram Melequento e Bafoca enquanto se afastavam.

Foi muito deprimente.

De um modo geral, desde a chegada de Alvin, Soluço andava com uma sensação de enjoo, e uma ponta de medo que se esgueirava feito uma aranha em sua nuca.

Não era apenas por causa da busca na Ilha da Caveira (embora ele já estivesse tendo pesadelos só de pensar em ser estraçalhado por criaturas feito panteras com dentes que pareciam pedacinhos de vidro). Era a sensação de que algo muito maligno, VENENOSO, estava pairando na Ilha de Berk.

E de que alguma coisa realmente terrível ia acontecer... Logo, logo...

Esse parece o tipo de dragão que faria cacá dentro de um Capote. ☹



**ENQUANTO ISSO,
NO FUNDO DE UMA CAVERNA,
NAS PROFUNDEZAS DA TERRA...**

Enquanto isso, no fundo de uma caverna, nas profundezas da terra, um pequeno Nadder Mortal chorava à procura de sua mãe.

Ele se afastara de casa, que ficava nos túneis aconchegantes da Creche de Dragões, e se perdera no labirinto das Cavernas Calibã, logo abaixo.

Pouco a pouco, enquanto ele voava loucamente entrando num túnel errado atrás do outro, os assobios felizes e os guinchos de seus coleguinhas dragões se tornavam cada vez mais fracos. Durante a última meia hora ele ouvira apenas os ecos infelizes de seus próprios ruídos, à medida que se embrenhava cada vez mais profundamente na escuridão.

Além disso, ele tivera a má sorte de entrar em uma caverna habitada por uma criatura gigantesca que guardava algo precioso. Era uma máquina mortífera muito maior e mais assustadora do que um simples Dragão Caveira. Tinha pelo menos 100 anos, e viver um século em profundezas sombrias lhe fizera mal à alma e ao cérebro. Ele era solitário e amargo, e sentia um forte desejo pela luz, que nunca era capaz de ver. E o que é pior: ele estava permanentemente faminto.

O pequeno Nadder chamou novamente pela mãe e deu um curto salto adiante.

Um tentáculo especialmente asqueroso enrolou-se em volta do pequeno dragão e o ergueu no ar.

A criatura fez algo para matá-lo, algo muito desagradável, e o pequenino soltou seu último grito de terror absoluto...

Depois reinou o silêncio.



PROGRAMA DE TREINAMENTO DE PIRATAS
GUIA DE AULAS

Nome: *Solange S.S. III*

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA
LUTA DE ESPADAS EM ALTO-MAR	<i>Não esquecer o lit de jogos</i> BERRO	COMO AMEDRONTAR FORASTEIROS	PILHAGEM	ROUBO BÁSICO
LUTA DE ESPADAS EM ALTO-MAR	TREINAMENTO DE DRAGÃO	COMO AMEDRONTAR FORASTEIROS	VIOLÊNCIA GRATUITA	ROUBO BÁSICO
INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO
COMO CUSPIR	DESCORTESIA AVANÇADA	ARMAMENTO	DESCORTESIA AVANÇADA <i>é minha preciosa</i>	DESARMAMENTO
INTERV	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO
ROUBO BÁSICO	<i>deixar que seça!</i> BATEBOLADA	TREINAMENTO DE DRAGÃO	GRAFITE SEM SENTIDO	VIOLÊNCIA GRATUITA
COMO AMEDRONTAR FORASTEIRO	<i>Solo!</i> BATEBOLADA	TREINAMENTO DE DRAGÃO	GRAFITE SEM SENTIDO <i>dur o lit de jogos</i>	VIOLÊNCIA GRATUITA
DEVER DE CASA COMO CUSPIR	DESCORTESIA AVANÇADA	ARMAMENTO	VIOLÊNCIA GRATUITA	DESALFABETIZAÇÃO PARA CASA

A AULA DE
DESCORTESIA AVANÇADA
É INTERROMPIDA

Esse tempo agitado, de espera e preparativos, finalmente terminou passadas duas semanas.

Foi na metade da aula de Descortesia Avançada, ministrada por Bocão no Grande Salão.

Melequento estava à frente do restante da classe, praticando Xingamentos contra Cabeçadura. Ele era um garoto de bom temperamento, e insultos não eram seu forte.

— Você — disse Cabeçadura, tentando soar nojento — é grande e gordo... quero dizer, muito, muito gordo... Um GROSSEIRÃO... e sua avó é... sua avó é... uma senhora muito perversa...

— Ah, pelo amor de Thor, Cabeçadura! — explodiu Bocão, furioso, arrancando fios da barba. — Isso é um exercício simples, não dá para melhorar? A avó do Melequento é uma velha ostra decrépita de barriga amarela, ou a avó do Melequento é uma leoa-marinha louca e barulhenta...

— O que é isso? — berrou Melequento, que estava tão amalucado com a aula que nem se importava mais com quem deveria atacar.

— Não, não é nada disso, Melequento — disse Bocão, tentando tranquilizar o garoto. — Isso não é verdade...



só estou
dizendo ao
Cabeçadura...
que ele deveria
pensar em coisas
ULTRAJANTES e depois
cuspir as palavras... mostre como é,
Melequento.

— Com todo prazer — zombou o menino.

Ele se inclinou até que seu nariz ficasse bem próximo ao de Cabeçadura. Agarrou o colega com toda força pelo pescoço. Seus pequenos olhos maldosos se estreitaram, ameaçadores, as narinas tremiam de ódio.

— Você — ele disse, cuspiendo com desdém e selvageria — é um peixe covarde e corcunda...



Nome Soluzo - S. S. III
Cadeira de Insectos
Matéria Docência Avançada

Bocão é malagante

EU NÃO É VOCE
Pera que ↓ pego voce
Bafaca de Malagante tem cara de
outra Coxiguilhada



Em caso de perda devolva a:
Soluzo S. Strondu III
Ilha de Bork
Rua da Ilustração,
Nordeste da Barbária
Planeta Terra
Universo



Espaço infinito de

— **BRILHANTE**, Melequento, BRILHANTE! — -aclamou Bocão.
— ...tem coração de medusa, cérebro de plâncton e cheira a cabeça de bacalhau podre.

— Ah, PARABÉNS! — gritou Bocão. — Você vai direto para o primeiro lugar da classe. Desse jeito, Melequento, você não terá problema algum para se tornar um pirata, e não posso dizer o mesmo sobre o restante da turma...

ETC. ETC. ETC.

Soluço ergueu os olhos para o céu. Ele continuou a desenhar figuras, distraidamente, em seu Livro de Insultos.

O garoto foi inesperadamente interrompido pela chegada de Stoico, o Imenso, e atrás dele, sorrindo com muito charme, Alvin, o Fazendeiro Pobre e Honesto.

— Peço desculpas por perturbar a aula, Bocão — disse Stoico.

— Não é nada, não é nada — afirmou Bocão.

— Mas eu lhe trago BOAS-NOVAS. Estamos a ponto de dar início à nossa gloriosa BUSCANAILHADACAWEIRA!!!

Seguiu-se um silêncio, e Perna-de-peixe ficou branco feito papel e soltou gemidos abafados. Depois todos começaram a aplaudir. Soluço levantou a mão.

— E os Dragões Caveiras? — ele indagou.

— Ainda bem que você fez essa pergunta — replicou Stoico, o Imenso, entusiasmado. — Conforme todos nós sabemos — ele alisou a cabeça de Soluço carinhosamente —, esses dragões são criaturas hediondas e terríveis...

— A crueldade deles vai além dos piores pesadelos — murmurou Soluço.

— MAS — disse Stoico —, eles perderam a capacidade de voo e também a VISÃO. Na verdade, perseguem as presas pelo olfato. Então a teoria de Alvin é de que podemos tomar um bom BANHO antes de ir. É claro que isso não seria normal, mas todos nós precisamos sofrer um pouco para ser ricos, e provavelmente ficaremos bem.

Perna-de-peixe levantou a mão.

— Teoria? Provavelmente? Você está dizendo que Alvin não tem CERTEZA disso e que poderíamos acabar mortos na boca de um bando de dragões venenosos que nos engolirão lentamente?

Stoico fez que sim com a cabeça.

— Nesse caso, você entrará no céu de Valhala como Herói da Tribo! E posso até dizer — afirmou Stoico em tom solene — que aquele que morrer em ação receberá uma homenagem póstuma: um Capacete Negro.

— Ah, oba... — murmurou Soluço.

— **MORTE OU GLÓRIA!** — berrou Stoico, o Imenso, executando a complicada saudação da Tribo dos Hooligans Cabeludos, que consiste em fazer um gesto de cortar a própria garganta e soltar um pum tão alto quanto um trovão.

— **MORTE OU GLÓRIA!** — gritou Bocão Bonarroto, e 11 aprendizes repetiram loucamente "MORTE OU GLÓRIA!", saudando-o também.

— **AH, DE NOVO, NÃO...** — gereram Soluço e Perna-de-peixe.

O plano de Stoico e Alvin realmente era simples. Os vikings e seus dragões precisavam tomar um banho. Deveriam se apresentar no dia seguinte, no Grande Salão, onde Alvin os submeteria ao Teste do Cheiro. O teste seria executado por Alvin, habilidoso nesse tipo de tarefa, que faria a verificação para ver se soltavam algum cheiro ou não, e a expedição teria início.

Soluço tomou coragem e foi falar com seu pai, situação que nunca era fácil.



— Pai — disse ele a Stoico, depois de ter tomado banho e obrigado Banguela a fazer o mesmo.

— Hummmm? — respondeu Stoico, distraído. Ele tentava secar seu dragão, Bafo de Verme, na frente da lareira.



Bafo de Verme era um dragão da raça Gronkel, coberto de acne, verde-lodo, do tamanho de um filhote de leão. Ele detestava água. Stoico gastara quarenta minutos para prendê-lo e jogá-lo na banheira. Agora, ele tentava atacar o viking, agarrando seu antebraço esquerdo com as mandíbulas fortes. Stoico sorriu alegremente e lhe deu um golpe no focinho com a escova de limpeza.

— Quietos, fique quieto, Bafo de Verme — disse Stoico —, não seja teimoso.

— Eu estou preocupado — continuou Solução. — Podemos estar entrando na busca errada. Você realmente acha que deveríamos procurar algum tesouro? Estamos felizes e em paz sem todo esse dinheiro.

Stoico acariciou carinhosamente o cabelo do filho.

— Não vê — ele disse animado — que VOCÊ será o responsável pela descoberta do tesouro? É isso que diz a charada. Apenas o Herdeiro Verdadeiro poderá encontrá-lo. Há tempos fico irritado com essa história de Barrigão e Melequento ficarem de olho no trono. Quando VOCÊ encontrar o tesouro, eles se calarão para sempre. Estou fazendo isso tanto por VOCÊ quanto pelo ouro e pela glória, embora eu mesmo queira pegar um par de belos brincos, devo admitir..

– Mas e se eu NÃO encontrar o tesouro? – indagou Soluço.

Stoico, porém, não estava mais prestando atenção. Ele já tinha saído para se aprontar.

– Ah, deixe para lá – disse Soluço.

O PIOR DIA DA VIDA
DE SOLUÇO ATÉ
AQUELE
MOMENTO

Na madrugada do dia da Busca, Solução se vestiu com muita relutância. Ele embainhou a espada que seu pai lhe dera, esperando que ela não o atrapalhasse muito na caminhada. Depois, jogou a bainha nas costas, como se estivesse carregando arco e flecha. O garoto estava tão nervoso que não foi capaz de tomar o mingau.

Finalmente, ele conseguiu arrastar Banguela da cama e se pôs na direção do Porto dos Hooligans, onde todos estavam se reunindo.

Banguela ficou sentado no ombro dele, esfregando os olhos sonolentos com a asa.

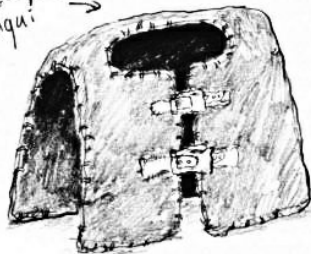
— Banguela não Q-Q-QUER ir na Busca... — ele se queixava. — Isso é e-e-estúpido, b-b-bobo, p-p-perigoso...

Solução concordava totalmente, mas disse apenas:

— Vai dar tudo certo. VOCÊ tem asas. Se um Caveira atacar, é só voar para longe.

— É, mas B-B-Banguela não gosta de ver s-s-sangue... — lamuriou-se o pequeno dragão. — Vão despedaçar você e Banguela vai v-v-vomitare.

ARMADURA PARA USO COM DRAGÕES
a cabeça passa
por aqui →



Uma capa feita de couro espesso e pesado, para proteger os ombros e o peito.

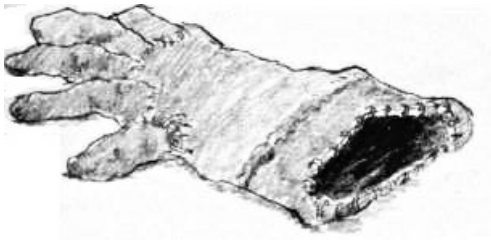
— Todos nós temos os próprios problemas — respondeu Solução, rispidamente.

Perna-de-peixe já estava no porto, com uma cara furiosa. Sua dragoa, Vaca Aterrorizante, estava sentada a seus pés, ruminando silenciosamente.

Todos os outros meninos caminhavam pelas redondezas, os dragões lutando entre si ou sobrevoando o local. Todos pareciam bem animados, apesar da possibilidade real de que fossem comidos vivos.

— Quem você acha que sairia vencedor se um Caveira enfrentasse um Crocossauro Sangrento num combate corpo a corpo? — perguntou Espinha-de-porco.

— Ah, o Caveira sairia sempre vencedor — respondeu Perdido. — Não resta dúvida. Meu pai diz que o Caveira é uma das criaturas mais malignas do planeta. Ele usaria suas garras extralongas e rasgaria o Crocossauro... seria um boa-noite Crocossauro...



Luva para uso com dragões
Protege a mão e o
antebraço durante o treinamento

— Ah — disse Espinha-de-porco astutamente —, mas e se o Caveira estivesse com uma das patas presa às costas, quem venceria?

— Idiotas! — bufou Perna-de-peixe. — Idiotas! Estou cercado de gente que tem alga no lugar do cérebro!

Além dos meninos, havia cerca de cinquenta piratas adultos na reunião, todos os melhores e maiores guerreiros da tropa de Stoico. Alvin fazia piadas, apertava as mãos calorosamente e dava tapinhas nas costas de todo mundo.

Stoico, o Imenso, estava feliz por dar início a uma operação militar e marchava gritando ordens.

— CERTO, pessoal. Depois de chegarmos, nós nos dividiremos em duplas. Atravessaremos a ilha e faremos com que nossos dragões saiam farejando em busca do tesouro. Reparem que estão todos equipados com um apito. Bocão, você daria uma demonstração?

Bocão soprou um apito com força.

P-i-i-i-l-l-i-i-i-i-i-i-i-i-i-i!

— Assim que vocês ouvirem esse ruído, saberão que alguém encontrou o tesouro. Caminhem na direção do som o mais rapidamente

possível, a fim de levarmos as riquezas para o navio. **LEMBREM-SE:** os dragões estarão dormindo durante o dia, e não importa quanto barulho vocês façam, porque os Caveiras são totalmente surdos. Contudo, evitem tropeçar num deles e não se esqueçam de que eles têm o faro muito apurado. Então, enquanto estiverem na ilha, **NINGUÉM PODE SOLTAR PUM, DE MODO ALGUM!** Deu para entender?

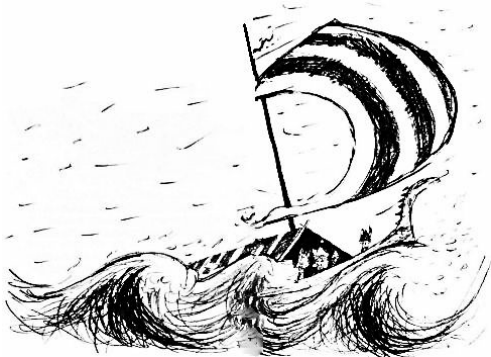
Os guerreiros concordaram com um aceno de cabeça, solene.



— Tudo bem, então — disse Stoico. — Morte ou Glória!



— MORTE OU GLÓRIA! — todos gritaram.



E a Comitiva de Caça ao Tesouro de Barbadura embarcou no navio Treze da Sorte para velejar rumo à Ilha da Caveira.

Bafoca de Maluquício "acidentalmente" chocou-se contra Solução enquanto eles embarcavam e o derrubou no chão do barco, onde Melequento o pisoteou.

— Desculpe, que falta de jeito a minha — disse Melequento, rindo e balançando Corte Voador de modo descuidado. — Boa sorte, Inútil.

O Treze da Sorte zarpou lentamente do porto, atravessando uma névoa espessa que se espalhava pesadamente por todas as Ilhas Internas. Era difícil enxergar um palmo adiante.

Depois de três ou quatro horas, eles avistaram a Ilha da Caveira, apontando, ameaçadora, no meio das brumas. E os pensamentos imediatos de Solução foram, não necessariamente nessa ordem: "Vamos voltar para casa! Vamos dar a volta! ABANDONAR O NAVIO!"

— Não sue — ele disse a si mesmo. — Os Caveiras conseguem farejar o suor.

Mas ele percebia que ficava cada vez com mais calor, náuseas e medo à medida que a ilha se aproximava e aproximava...

Na verdade, mesmo os membros mais corajosos e falantes da Tribo

ficaram em silêncio enquanto avançavam no território marinho que estivera proibido a eles durante centenas de anos.

Pois a Ilha da Caveira era um lugar muito sinistro.

Os rochedos negros em suas formações estranhas, parecendo pilares, além da terra de cor vermelho-sangue, pareciam sussurrar a palavra Morte.

Por toda parte se viam torres malucas de conchas de moluscos arrumadas em pilhas que alcançavam alturas perigosas, como se fossem esculturas fantásticas. Incapazes de voar ou de nadar, os Caveiras permaneciam presos na ilha. Havia muito tempo tinham devorado todos os pequenos mamíferos, répteis ou pássaros que viviam por lá. Durante anos a fio, eles sobreviveram à base de moluscos, porque estes eram abundantes por ali.



Não havia sinal de vida em lugar algum. Nada de coelhos, ratos ou outras criaturas pequeninas correndo pelas colinas. Nada de pássaros nos rochedos. Nada de Caveiras, tampouco. Havia, no entanto, buracos imensos, ameaçadores, espalhados por toda a paisagem.

"Aqueles devem ser as tocas", pensou Solução.

As tocas eram as maiores que Solução já vira. Algumas delas eram do tamanho da entrada do Grande Salão.

"Eles devem estar em algum lugar lá embaixo", pensou Solução, engolindo em seco.

Como não havia animais ou pássaros e o dia estava calmo, sem

ventos, reinava um silêncio sinistro.



Exceto por um único som aterrorizante.

Imagine o ruído estridente de um giz riscando uma lousa amplificado centenas de vezes. Era o tipo de ruído que a gente ouve quando se amolam mil facas em mil pedras, ao mesmo tempo, porém o barulho era ainda mais torturante. Solução ficou com os nervos à flor da pele no momento em que percebeu o que causava aquele barulho rítmico.

Aquilo era o som que vinha dos Caveiras afiando suas garras extralongas nos rochedos, dentro de suas respectivas tocas. Solução tinha ouvido falar dessa prática, mas nunca ouvira o ruído, que era chamado de "amolação adormecida".

Solução respirou fundo. "Bem, pelo menos isso quer dizer que os Caveiras estão dormindo", pensou o menino.

Os Hooligans precisaram contornar três quartos da ilha antes de encontrar um lugar onde os barcos pudessem atracar em segurança. Era uma baía ampla, aberta, com a mesma areia cor de sangue.

Alvin levantou-se para fazer um discurso.

Cada dragão no barco sibilou e grunhiu, em alerta, enquanto ele falava.

— Eu gostaria de desejar a todos a melhor sorte do mundo dos vikings — disse ele, sorrindo suave e calmamente. — Para minha enorme tristeza, não os acompanharei durante essa parte da busca. Nada me daria mais prazer do que arriscar a vida nessa empreitada gloriosa. Mas mesmo que eu tenha tomado um bom banho, temo que meu cheiro seja tão forte para os dragões, e que minha presença possa arruinar a operação inteira. Ficarei aqui e cuidarei das embarcações.

— E isso tudo começou com uma ideia d-d-dele! — disse Banguela, indignado, no ouvido de Solução. — Está v-v-vendo o que eu quero dizer?

Ele é um pária E um c-c-covarde...

Stoico deu um tapinha gentil nas costas de Alvin.

— Isso é muito nobre de sua parte, Alvin — ele sussurrou em tom alto. (Era difícil evitar falar baixo, mesmo sabendo que as criaturas não tinham audição.) — Fico com pena que você vá perder toda a parte divertida. Bem, pessoal, cada um deve escolher um parceiro e atravessar a ilha, e se ninguém encontrar nada mesmo, nós nos reuniremos aqui novamente dentro de uma hora.

Lagarta de Fogo estava superanimada desde a chegada à ilha. Ela claramente já farejara alguma coisa e estava louca para seguir a trilha. Sua vontade de ir adiante era tamanha que a cauda estremecia e batia no chão.

— Ninguém vai NOS seguir — disse Melequeto sorrindo, e ergueu os punhos para Solução e Bafoca quando ambos se aproximaram.

Solução e Perna-de-peixe ficaram parados, olhando para Banguela, mas ele não parecia tão feliz assim em cumprir a tarefa que tinha à frente. O dragão ficou sentado calmamente na areia, lambendo a cauda, pensativo. A dragoa de Perna-de-peixe, Vaca Aterrorizante, já tinha adormecido debaixo de um banco no barco, então ELA em nada ajudaria.

— Você está farejando alguma coisa? — sussurrou Solução, esperançoso.

Banguela fungou.

— COCÔ — ele disse, com nojo. — Moluscos duros e s-s-sujeira de Caveira... E-E-ECA. V-V-Vamos embora daqui.

— Não, não, não — sussurrou Solução. — Tesouro. Ouro. Jóias. Esse tipo de coisa. — E acrescentou, astuto: — Tenho certeza de que um DEVANEIO BANGUELA como você pode farejar muito melhor do que um Pesadelo Monstruoso.

Banguela ficou cheio de indignação quando se lembrou da arrogância de Lagarta de Fogo. Ele farejou mais um pouco.

— Banguela ESTÁ um pouco r-r-resfriado — ele disse com dignidade — mas isso não faz diferença para nós, aristocratas. P-P-PODE ser que tenha algo que vem de lá...

E o pequeno dragão balançou a garra vagamente na direção da esquerda.

Então Solução desembainhou sua grande espada, e eles partiram, prestando atenção para ver se havia Caveiras acordados.

Eles caminharam no meio das plantas e da relva, assim como teriam

feito na Ilha de Berk. Num determinado ponto, passaram por uma GIGANTESCA pegada na lama. Soluçõ ajoelhou-se para examiná-la.

— Que Odin nos proteja — ele murmurou. — Isso quer dizer que o Caveira é **DUAS VEZES** maior do que pensávamos.

— Não resta dúvida de que ele venceria um Crocossauro Sangrento no combate corpo a corpo — disse Perna-de-peixe, incapaz de parar de rir histericamente. — Ah, isso é ótimo! Para completar, estou ficando **LOUCO**.

Soluçõ estava ficando tão nervoso com tantos problemas que era difícil concentrar-se naquilo que deveria ser sua maior preocupação. Ele **PRECISAVA** encontrar o tesouro. Já era ruim ser o pior aprendiz **DE TODOS OS TEMPOS** do treinamento de luta de espadas, mas se ele não encontrasse o tesouro que deveria ser encontrado pelo herdeiro, então seu pai ficaria realmente decepcionado. Soluçõ detestava desapontar o pai, mesmo que tivesse muita prática nisso.

E se **MELEQUENTO** encontrasse o tesouro? Soluçõ sentia frio e tremores só de pensar nisso.



Ele olhou inseguro para Banguela, que estava pegando uma carona na pá de Perna-de-peixe. Ele não se mostrara nem um pouco promissor quando estiveram praticando em Berk.

Mas Banguela já triunfara numa crise antes. Quando Soluço foi engolido por um *Dragonusmarinhus Gigantescus Maximus*, Banguela entrou voando na narina do Monstro, fazendo com que ele espirrasse, salvando assim a vida de Soluço. Então, ele TINHA escondida uma coragem surpreendente.

Talvez houvesse dentro dele um Farejador assim como havia um Herói. Talvez ele realmente TIVESSE sentido algo no ar... Talvez...

Banguela enfiou o dedo no nariz, pensativo, examinou a meleca na ponta da garra e depois a engoliu. Subitamente, ele saiu voando da espada e começou a liderar uma pequena procissão, com um jeito bem distraído. Num determinado ponto, conduziu os meninos a um círculo vazio. Depois, Soluço o impediu, por uma fração de segundo, de fazer cocô e acordar todos os Caveiras. Finalmente, ele se sentou no topo de uma colina. Ficou ali parado, coçando a orelha.

— P-p-pode estar aqui... — disse com ar distraído. O coração de Soluço acelerou-se.

— Aqui? — ele indagou.

Banguela assentiu com a cabeça de um jeito desligado. Os meninos pegaram suas pás e, esquecendo-se totalmente dos Caveiras, tamanha era a animação, começaram a cavar.

Após dez minutos de escavações, ele bateram num monte de conchas de moluscos.

— Pelo amor de Thor! — disse Perna-de-peixe. — Esses Caveiras comem MUITO molusco. Aposto que essa COLINA inteira é formada de concha de molusco. Aposto que a ILHA inteira é só molusco...

Apá de Soluço bateu numa coisa dura, larga e pesada, logo abaixo da superfície. Soluço prendeu o fôlego. Ele bateu novamente. Sim, era definitivamente algo grande e pesado.

— Acho que encontrei algo aqui — ele sussurrou. Banguela ficou saltitando de tanto entusiasmo.

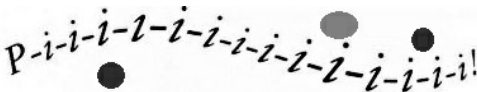
— T-T-TESOURO! T-T-TESOURO! — ele cantarolou. — Você será um herói! E B-B-Banguela será o dragão do herói! Você será...

Soluço abaixou-se e tocou a superfície de um objeto duro, fez força

com ambas as mãos e r-e-t-i-r-o-u da terra...

A maior casca de molusco que já vira.

Exatamente na hora em que Solução se sentou subitamente, olhando para a casca, ouviu-se o barulho de um assobio não muito longe.



P-i-i-i-l-i-i-i-i-i-i-i-i-i-i!

— Inútil — disse Solução, olhando para a casca. — Eu sou mesmo um INÚTIL. Esta é a segunda vez que os Deuses me dão um sinal. Da primeira vez eles enviaram a mim um minúsculo dragão três vezes menor que os de meus colegas...

— Obrigado — disse Banguela, olhando para o buraco. — Eu n-n-não entendo isso. Eu REALMENTE senti cheiro de m-m-metal...

— ...DESTA VEZ eles me mandaram uma casca de molusco gigante.

— É a maior que já vi — disse Perna-de-peixe espantado. Acho que você descobriu uma nova espécie...

— Ah, brilhante — disse Solução, sarcástico. — Isso vai impressionar a Tribo. Eles **ADORAM A NATUREZA**.

Solução estava desolado.

— Um molusco — disse —, MESMO sendo imenso, não passa de um molusco. Isso não é um TESOURO, certo? Nunca ouvi uma lenda na qual o herói descobre um novo tipo de molusco...



E Solução prosseguiu:

— Enquanto isso, parece que o VERDADEIRO Herdeiro da Tribo dos Hooligans Cabeludos encontrou o tesouro. POR FAVOR, não permita que seja o Melequento.

Solução repetiu isso para si mesmo várias vezes enquanto eles caminhavam na direção do silvo.

— Por favor, não permita que seja o Melequento, por favor, **POR**

FAVOR, não permita que seja o Melequento, por favor, por favor, POR
FAVOR, não permita que seja o Melequento...

**O TESOURO DE
BARBADURA,
O TERRÍVEL**

É claro que foi Melequento quem encontrou o tesouro.

Lá estava ele, peito estufado, narinas abertas, um sorriso grande espalhado na cara de convencido. Lagarta de Fogo, sua dragoa, estava tão inflada de orgulho que parecia duas vezes maior.

Ele estava cercado por uma multidão de vikings, que o saudavam gritando:

— MELEQUENTO! MELEQUENTO! MELEQUENTO! UH! UH!

UH!

Melequento sorriu ainda mais quando avistou a chegada de Solução, tentando parecer tranquilo (o que é difícil quando se está acompanhado por um amigo que carrega um molusco gigante).

— Veja o que eu encontrei, Solução — disse Melequento.

Melequento encontrara um grande baú de madeira, muito maltratado pelo tempo e mordiscado por Dragões Caveiras. Trazia uma inscrição em letras grandes e douradas:

PROPRIEDADE DE BARBADURA, O TERRÍVEL, NÃO ABRAM.



Soluço suspirou. Não havia a menor chance de o baú NÃO conter o tesouro.

— Tudo bem, então — disse Stoico, esfregando as mãos como se estivesse prestes a fechar um negócio. — Vamos abri-lo.

Soluço ignorou que devia ficar quieto e ser discreto:

— Pai — ele sussurrou com urgência —, não podemos abrir a tampa. Veja, está escrito "NÃO ABRA", bem na frente. Lembra-se do que aconteceu na última vez?

— **QUE BESTEIRA!** — o pai berrou.

Stoico nunca ficara tão desapontado com o filho quanto naquele momento. Por que ELE não tinha encontrado o tesouro? O QUE era aquele amigo esquisito carregando aquela concha ridiculamente grande?

Agora, Barrigão Caído de Cerveja estava começando a sugerir que Melequento era o Herdeiro da Tribo por direito, e então Stoico teria de calar a boca dele dando-lhe uma surra, e isso tudo era culpa de Soluço.

— Claro que vamos abrir o tesouro AGORA. Para que buscar um tesouro se não podemos abri-lo depois de encontrá-lo?

— Por favor — implorou Soluço. — O senhor não acha que um velho pirata astuto como Barbadura, o Terrível, deixaria o baú por aí sem algum tipo de pegadinha, acha? Isso é uma ARMADILHA. Veja o que aconteceu com Alvin quando ele abriu o caixão: a tampa cortou-lhe a mão. E depois, quando nós o abrimos, quase todo mundo morreu de pavor..

Stoico finalmente perdeu a paciência com o filho.



— QUEM é o líder aqui, afinal? — ele rugiu. — Eu sou o Chefe dos Hooligans Cabeludos, não você, menininho.

Soluço encolheu-se.

— Aquilo tudo foi uma coincidência. Não era uma ARMADILHA. E eu não vou carregar para casa uma caixa enorme e pesada desse jeito só para depois descobrir que ela estava cheia de pedras.

Os olhos de Stoico estavam brilhando uma estranha luz de ambição que Soluço jamais vira antes.

— Bem pensado, Chefe — disse Bocão Bonarroto. — Posso ter a honra?

Bocão balançou o machado acima da cabeça e desceu-o sobre as

correntes amarradas ao redor da caixa, arrebetando-as.

— Melequento deveria abrir a caixa, já que foi ELE quem a descobriu — disse Barrigão Caído de Cerveja.

Stoico suspirou. — Tudo bem, então — disse ele.

Melequento adiantou-se, orgulhoso. Era seu grande momento.

Ele lançou um olhar maldoso a Solução.

— Isso não é boa ideia, NÃO é boa ideia, NÃO É BOAIDEIA — repetiram Solução e Perna-de-peixe baixinho quando Melequento esticou seus braços tatuados e musculosos na direção da caixa...

— Isso não é boa ideia, NÃO é boa ideia, **NÃO É B-B-BOA IDEIA** — disse Banguela, fechando os olhos enquanto Melequento lentamente erguia a tampa.

cr-a-a-a-a-a-a-a-a-a-a-a-a-a-c...

AFUGADAILHA
DACAWEIRA

O baú não estava cheio de pedras.

Ele estava cheio até a borda com um tesouro maravilhoso. Feiras de joias, taças de ouro, os objetos mais deslumbrantes que os Hooligans já tinham visto.

— É s-s-seguro olhar a-a-agora? — perguntou Banguela, ainda de olhos fechados.

Soluço abriu os olhos.

— Acho que sim — ele disse, a voz incerta.

O garoto tinha desembainhado sua espada enquanto Melequento abria o baú, e agora espiava dentro dele.

— Parece — ele disse desconfiado — com um baú de tesouro.

— CLARO que é isso — disse Stoico. — O que foi que eu lhe disse? Não é uma ARMADILHA. Você tem imaginação demais, meu filho. Às vezes é preciso confiar na experiência dos mais velhos e dos chefes.

Melequento já tinha enfiado a mão dentro do baú e retirado uma espada realmente magnífica, a bainha ricamente decorada com dragões, caveiras e as ondas de um mar revolto.

AQUELA era a espada apropriada para um Rei Pirata. Assim que Melequento a desembainhou gentilmente, ela produziu o silvo suave de uma serpente, e quando a luz solar se refletiu em sua lâmina, ainda brilhante e cruel, foi possível ver o quanto ela era afiada, mesmo após passar tantos anos debaixo da terra.

No cabo havia o retrato furioso de Thor, o deus do Trovão, com uma barba entrelaçada de algas marinhas, e, de uma ponta a outra da lâmina, havia o desenho de um raio formando um zigue-zague prateado.

— A Lâmina da Tempestade... — suspirou Barrigão Caído de Cerveja.

Era, de fato, a Lâmina da Tempestade, a famosa espada de Barbadura, o Terrível, com a qual ele reinara, impiedosamente, sobre todas as Ilhas Internas.

Enquanto Melequento a brandia gentilmente, ela parecia soltar uma luz ávida, que lhe era própria.

Stoico esticou o braço devagar e a pegou da mão do sobrinho.

— ELA É MINHA, acho que você vai descobrir isso — disse Stoico em tom calmo. — A Lâmina da Tempestade pertence ao CHEFE dos Hooligans Cabeludos, e APENAS a ele.

Havia um olhar astuto, ganancioso em seus olhos quando ele deixou de lado a própria espada e segurou a Lâmina da Tempestade.

Banguela enrugou o focinho e farejou.

— O que é esse c-c-cheiro?

— Que cheiro? — indagou Solução.

— **ESSE** cheiro — replicou Bafo de Verme, fazendo uma careta.

Solução encarou Lagarta de Fogo, que tinha o melhor faro de todos. A dragoa, cuja cor normal era vermelho-fogo, estava caída sobre o ombro de Melequento com um tom de verde extraordinariamente pálido.

— Com mil moluscos! — gritou Solução. — Os Caveiras!!! **FECHEM A CAIXA!**

Ele se lançou contra a tampa do baú, tentando fechá-lo.

— O garoto enlouqueceu — disse Barrigão Caído de Cerveja, que, usando apenas seu grande dedo indicador, impedia que Solução conseguisse fechar o baú.

— Ele está louco de ciúmes — zombou Melequento.

— **FECHEM A CAIXA! FECHEM A CAIXA! FECHEM A CAIXA!** — gritou Solução, lutando dentro dos braços de Barrigão.

— Calma, calma, meu filho — disse Stoico, irritado, mas tentando acalmar o garoto. — Você poderá encontrar um tesouro da PRÓXIMA vez, tenho certeza. Estamos a salvo, os Caveiras não podem nos ver ou nos ouvir...

— Mas eles podem nos FAREJAR! — gritou Solução. — **BARBADURA COLOCOU NA CAIXA UMA ARMADILHA, COM UM CHEIRO QUE VAI DESPERTAR OS DRAGÕES!!!**

— O que você quer dizer com nos farejar? — perguntou Stoico.

Ele fungou para experimentar. Agora o fedor era tão forte que até mesmo humanos conseguiam sentir. Lagarta de Fogo já tinha vomitado nos arbustos. Todos os Hooligans começaram a torcer o nariz, e aquele cheiro era, sem dúvida, um cardume de peixes podres e morsas mortas havia muito tempo... com talvez um toque de carne de lagostas ainda um mês mais

velhas.



— QUE HORROR! — murmuraram os Hooligans, a atenção se afastando do tesouro.

— FECEM... A... CAIXA! — gritou Solução, o rosto roxo de fúria diante da estupidez deles.

Uma luz se acendeu na expressão tola de Stoico o imenso.

— Ahhhh... Agora entendo o que você quer dizer... FECEM A CAIXA, Rápido, rápido!

Ele finalmente percebeu a urgência da situação e fechou o baú, sentando-se sobre ele como medida de segurança.

Mas isso não fez diferença. O cheiro ficava mais forte a cada minuto, um fedor inimaginável de tão horrendo. Se os Caveiras farejassem um POUQUINHO daquele cheiro horrível, não demorariam muito para despertar e... o pensamento era terrível demais para se considerar.

E então Solução percebeu que o barulho terrível de algo sendo arranhado, produzido pelo ato da "amolação adormecida", parara... e isso significava... significava...

— **C-C-C-O-O-O-O-O-R-R-A-M-M-M!!!** — gritou Solução. Exatamente no mesmo momento, Lagarta de Fogo silvou:

– D-E-S-E-R-R-R-R-R-R-R-R-T-A-R!



— Vamos sair daqui — disse Stoico, o Imenso. Ele e Bocão Bonarroto carregaram a caixa juntos. Os Hooligans não precisaram ouvir a ordem. Eles já estavam correndo o mais rápido possível na direção da praia, onde estavam os barcos...

— Deixe a caixa aqui, pai — disse Solução, ofegante enquanto corria ao lado de Stoico. — Eles virão pelas caixas, não atrás de nós.

— DE JEITO NENHUM! — disse Stoico, os olhos ainda brilhantes com aquela luz que Solução jamais vira antes. — Pense na decepção de Alvin. Além disso, esta é minha chance de GRANDIOSIDADE — ele bufou, tropeçando em uma enorme torre de moluscos enquanto se movia desajeitadamente.

— O senhor **JÁ** é grandioso, pai — insistiu Solução. — O senhor não precisa desse tesouro...

Mas Stoico não queira deixá-lo para trás.

Enquanto eles atravessavam as tocas, Solução começou a ouvir barulhos horríveis de focinhos farejando, vindos do interior dos buracos.

Ele correu um pouco mais rápido.

Com o coração pulando de terror, ele saltou pelas plantas e caiu entre as samambaias, dando de cara no chão.

Agora o cheiro estava tão forte que se tornava quase visível, saindo pelas fendas e rachaduras que Bocão fizera na caixa, formando um vapor verde-amarelado.



Os rochedos da praia ficaram à vista. Eles tinham passado pela última toca de Caveiras. Talvez fossem conseguir escapar, no final das

contas.

Então Solução ouviu um ruído que fez com que seu estômago desse saltos duplos de tanto terror. O barulho era de animais como cachorros grandes ou leões caminhando atrás dele, saltando os arbustos.

— C-c-c-c-c-c-c-correram! — guinchou Banguela, que sobrevoava a um metro da cabeça de Solução.

Solução, Perna-de-peixe, Stoico e Bocão estavam seguindo atrás dos outros. Solução e Perna-de-peixe porque não eram bons de corrida, Stoico e Bocão porque se atrasaram por carregar a caixa.

"Eles nos pegarão primeiro", pensou Solução. Agora os Caveiras estavam tão próximos que era possível ouvir os ruídos horrorosos do fungar dos focinhos e do ranger das presas deles.

Solução alcançou as margens das dunas e se lançou num grande salto, alcançando a areia. Ele aterrissou direitinho, mas tropeçou em sua enorme espada Pontalonga. O garoto virou-se de barriga para cima e deu de cara com a assustadora visão de um Caveira gigantesco babando, as garras estendidas, saltando pata cima dele. A enorme cabeça do bicho estava a poucos centímetros do rosto de Solução.

Era a visão mais assustadora que Solução já tivera, e lhe provocaria pesadelos até que ele se tornasse um homem velho, bem velho. A cara não era bem uma cara, não tinha olhos nem ouvidos, só um enorme focinho e uma boca cheia de baba, pontuada por dentes prateados e brilhantes. A saliva negra caindo no rosto de Solução num gotejar nojento. O Caveira o mantinha preso debaixo de uma pata armada com garras, enquanto farejava o restante de seu corpo em busca do tendão em seu tornozelo, a luz do sol refletida em uma de suas garras absurdamente desenvolvidas.

Solução tateou em busca de sua espada, mas Pontalonga estava fora de alcance.

Ele abriu a boca para gritar pedindo ajuda, mas nenhum barulho saiu.

— Socorro — ele murmurou silenciosamente. — **SOCORRO.**

Alguém apareceu do nada, agarrou o Caveira pela garganta e o matou com um golpe de espada.

Era Stoico, o Imenso.

A estranha atração que o tesouro exercia em Stoico diminuía quando ele viu a vida do filho em perigo.

O viking deixara Barrigão Caído de Cerveja carregando o baú até o

navio. Ele segurava a Lâmina da Tempestade na mão direita e o machado na esquerda.

— ANDE!!!! — gritou Stoico, o Imenso.

Soluço se moveu, tropeçando na areia. Conseguia ouvir mais criaturas saltando atrás dele "Não vou... conseguir... alcançar... os barcos... a tempo", ele pensou.

Havia um tronco oco de árvore afundado na areia diante dele.

— Entre na á-á-árvore! Entre na árvore! — silvou Banguela.

Soluço enfiou-se ali na hora exata. Ele pôde ouvir os dentes do Caveira rangendo, bem no momento em que puxou o tornozelo pelo buraco na areia, debaixo da árvore.

O Caveira era grande demais para segui-lo, mas empurrou o focinho, agitando-o nervosamente, pela abertura e começou a morder a madeira ao redor do buraco.

Soluço agarrou um osso que estava caído no chão e o enfiou com toda a sua força em uma das narinas gigantescas.

O Caveira caiu para trás com um uivo de angústia.

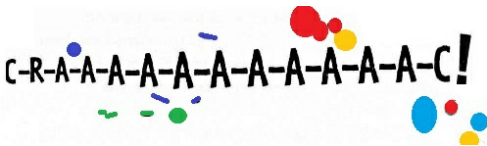
Seguiu-se um ruído nauseante vindo do alto, quando um Caveira aterrissou no topo da árvore... e depois outro... e outro... Soluço podia ouvir ruídos de arranhões enquanto eles espalhavam dentadas, tentando arrebentar a madeira.

Lá no alto, Banguela berrava continuamente:

— S-s-socorro! Socorro! S-S-S-S-SOCORRO!

Soluço golpeou outro focinho que surgiu no buraco...

Ao redor dele, nas extremidades do tronco da árvore, ele conseguia ouvir os ruídos arrastados das criaturas cavando a areia.



Era só uma questão de tempo até que uma delas passasse...

Através de um buraco na altura dos olhos, Soluço conseguia ver seu pai lutando para chegar até ele na praia. Seu dragão não desertara. O nobre

Bafo de Verme investia desesperadamente contra as costas de um Caveira três vezes o tamanho dele, que estava a ponto de saltar sobre Stoico.

A garra de um Caveira atravessou o tronco da árvore, chegando tão perto de Solução que roçou levemente seu peito.



A cabeça e os ombros do Caveira surgiram no buraco. A criatura abriu tanto as mandíbulas que Solução enxergou até o fundo da garganta preta.

Ele gritou e caiu para trás.

Assim que a criatura se arremessou para matá-lo, Soluço foi agarrado pelo tornozelo pela mão peluda de Stoico e arrastado de volta através do buraco por onde entrara.



Stoico o puxou para fora e o ergueu.

— Levante os braços! — gritou Stoico.

Bafo de Verme, que pairava acima deles, prendeu os braços de Solução com as patas e o levou pelos ares. Banguela agarrou uma perna, tentando ajudar

Bafo de Verme abriu as grandes asas em toda a sua amplitude.

Os Caveiras os perseguiram durante o voo, saltando e tentando morder Solução como se fossem cães atrás de um osso. Bafo de Verme grunhiu com o esforço para alcançar uma altura que mantivesse Solução fora do alcance dos dentes que estalavam.

De vez em quando, o peso era muito para ele e, para o terror de Solução, o dragão despencava na direção da praia. Uma dessas quedas foi perigosa, e Solução precisou balançar o corpo e desviar bem na hora em que um dos monstros deu um salto tremendo e quase arrancou sua perna até a altura do joelho.

Quando eles estavam sobre o mar, Bafo de Verme perdeu força, e os tomozelos de Solução afundaram na água.

Mas eles estavam a salvo.

Caveiras não sabem nadar e abominam água.

Bafo de Verme bateu as asas um pouco mais e soltou Solução, que caiu esparramado no convés do Treze da Sorte. Depois, girou, cansado, e saiu voando de volta para ajudar seu Mestre.

Stoico estava indo surpreendentemente bem sem ajuda, levando-se em consideração

**o fato de que ele
lutava sozinho contra um
número cada vez maior de
Caveiras. Normalmente, isso teria
resultado em um Chefe morto em
dez segundos. Lembrando que
Stoico tinha 40 anos e era muito,
muito gordo.
Mas, com a Lâmina da
Tempestade em mãos, Stoico
parecia transformado.
Ele era incrível.
Soltando um Berro Hooligan**

de arrepiar a espinha, os olhos

enlouquecidos pela sede de sangue, ele executava a manobra "Tática para Lutar contra Adversários em Número Superior" com sucesso espetacular.



Esse era um golpe de Luta Pirata altamente complicado, que apenas os lutadores mais coordenados e brilhantes conseguiam realizar.

O pirata levanta o Machado-Duplo-Superponta na mão esquerda e o gira sobre a cabeça, fazendo um círculo contínuo que os inimigos não conseguem penetrar sem que tenham a cabeça cortada. Ao mesmo tempo, com a mão direita, o pirata mantém um círculo de defesa com a espada, para atacar o inimigo.

Como você pode imaginar se já tentou coçar a barriga com uma das mãos enquanto passa a outra na cabeça, a Habilidade de Atacar enquanto Defende só pode ser executada pelo mais brilhante e coordenado dos vikings.

Caveira após Caveira caíam mortos ao redor de Stoico enquanto ele avançava lentamente. Mas uma onda contínua e brilhante de Criaturas se espalhava pela praia, bloqueando o caminho dele até os barcos. Parecia impossível que ele fosse conseguir atravessar a massa compacta, e Bafo de Verme, embora voasse o mais depressa possível, estava longe demais para oferecer qualquer ajuda.

E então, para o completo espanto dos Hooligans que observavam, seu Líder corpulento e velho saltou sobre as COSTAS do Caveira mais próximo. A criatura se torceu e pinoteou, tentando atirá-lo longe, mas Stoico se manteve firme, prendendo-se apenas com suas coxas poderosas, de modo que ele pudesse alcançar embaixo e dos lados e despachar os Caveiras com sua espada e seu machado.

Ele cortou o caminho pelo bando, cavalgando a besta enlouquecida em direção ao mar, como se estivesse domando um ancestral Dragão de Montaria. Quando a criatura finalmente o lançou no pântano, ele mergulhou de barriga, levou apenas um segundo para embainhar a espada e guardar o machado, e nadou com fúria na direção do barco.

Toda a extensa baía e o horizonte à frente agora estavam repletos de milhares e milhares de bestas vindas do inferno. Era como uma cena de seu pior pesadelo.

Mas os Caveiras paravam à margem da água, e lá ficavam uivando e guinchando furiosamente. Estavam tão bravos que começaram a se voltar contra os membros mais fracos de seu bando, e algumas criaturas foram dilaceradas em pedaços diante dos olhos de Solução.

Os Hooligans aplaudiram, vibraram e aclamaram.

Stoico estava muito satisfeito consigo mesmo.

Ele agradeceu o aplauso frenético, limpou o sangue da Lâmina da Tempestade em sua camisa e beijou a espada limpa.

E então, ele jogou para trás sua cabeça cabeluda e **RUGIU** feito um animal, parecendo tão selvagem com a espada na mão e o sangue na camisa que Soluço mal reconheceu o próprio pai.

A DISCUSSÃO

O arranhão no peito de Solução era, na verdade, mais profundo do que ele percebera no calor do momento. Deixaria uma cicatriz que permaneceria com ele o restante da vida, como uma lembrança da manhã que passara na Ilha da Caveira.



E o braço direito se deslocara devido ao esforço de ficar dependurado nas garras de Bafo de Verme. Bocão o colocou de volta no lugar (um processo muito doloroso, pois Bocão não era o mais delicado dos enfermeiros) e rasgou uma tira de sua camisa para que Solução a usasse como tipoia.

Os Hooligans reservaram alguns minutos para dar tapinhas nas costas uns dos outros e celebrar, antes de pegar novamente nos remos. Eles estavam ansiosos para deixar a fantasmagórica Ilha da Caveira bem para trás. Somente quando avistaram os rochedos amistosos de Berk foi que se sentiram seguros para recolher os remos e deixar que o Treze da Sorte deslizesse um pouco pelos mares calmos, porém cheios de névoa, enquanto examinavam seu prêmio.

Quando Stoico ergueu novamente a tampa da caixa, o cheiro já tinha quase desaparecido. Mas debaixo do tesouro havia um amontoado de cristais verde-amarelados que pareciam soltar uma leve fumaça e que ainda exalavam aquele cheiro de ovo podre. Eram os cristais que Barbadura usara

para transformar o baú numa armadilha — assim que eles entraram em contato com o ar, soltaram o cheiro que alertara os Caveiras.

Uma defesa do tesouro que era muito eficaz e mortal.

E QUE tesouro... Alvin não conseguiu falar por pelo menos três minutos. Ele ficou ali parado, os olhos arregalados, apanhando um objeto após outro, acariciando-os, deixando que suas mãos corressem amorosamente pelas moedas.

— Claro, dez por cento desse tesouro será seu, Alvin — disse Stoico, o Imenso, empinando a barriga, orgulhoso de sua própria generosidade.

— Você é muuuuito gentil, meu caro Stoico — murmurou Alvin, quando conseguiu dizer algo, afinal.

— Espere um minuto de pesca de ostra! — interrompeu Barrigão Caído de Cerveja. — Em primeiro lugar, eu quero o reconhecimento de que MELEQUENTO foi quem encontrou o tesouro.

— Reconhecido — disse Stoico, o Imenso, relutante. Solução sabia que deveria ficar grato por estar vivo, mas ele estava inacreditavelmente infeliz. Sabia o que tudo aquilo significava. Solução, embora filho do Chefe, não era o Verdadeiro Herdeiro dos Hooligans Cabeludos. O Verdadeiro Herdeiro era Melequento, que sempre fora maior, mais rápido e mais brilhante do que Solução em tudo.

— Em segundo lugar — continuou Barrigão —, como AQUELE QUE ENCONTROU O TESOURO, tecnicamente o baú pertence a MEU FILHO, Melequento, e não sei se ele tem vontade de dividi-lo com um estranho qualquer...



— Ele definitivamente não tem... — disse Melequento, sorrindo.

Stoico, o Imenso, fechou a tampa do tesouro. Ele ergueu Barrigão Caído de Cerveja no ar, pegando-o pela parte da frente da camisa, o que era um grande feito, levando-se em consideração o fato de que Barrigão Caído de Cerveja era quase do tamanho de uma baleia-assassina que não praticava exercícios recentemente.

— EU SOU O CHEFE DESTA TRIBO! — rugiu Stoico, o Imenso. — EU INICIEI ESSA EXPEDIÇÃO DE BUSCA AO TESOURO DE BARBADURA, O TERRÍVEL, E ESTE TESOURO PERTENCE A MIM, SÓ A MIM!

Barrigão Caído de Cerveja deu um soco rápido no rim de Stoico, que o deixou cair rispidamente. Ele berrou de volta na cara de Stoico:

— BEM, TALVEZ VOCÊ SEJA O CHEFE DESTA TRIBO HÁ TEMPO DEMAIS, GRANDE IRMÃO! TALVEZ ISSO SEJA UM SINAL DOS DEUSES DIZENDO QUE JÁ CHEGOU A HORA DE SUA APOSENTADORIA. O QUE DIZIA A PROFECIA SOBRE O HERDEIRO ENCONTRAR O TESOURO?

— SE MEU FILHO É O HERDEIRO, TALVEZ ISSO ME

TRANSFORME NO CHEFE DA TRIBO, EM SEU LUGAR!!!

– NÃO! – berrou Stoico, batendo o pé. – EU SOU O CHEFE!

– NÃO É, NÃO!

– SOU SIM!

Eles se agarraram pelos ombros e começaram uma disputa de **Quem Se Encara Mais**, os chifres dos capacetes se entrelaçando como se fossem um par de alces.

– Desista – disse Stoico, com uma ênfase sossegada e sinistra.

– Não, desista VOCÊ – replicou Barrigão.

– Não, VOCÊ desiste!

– VOCÊ!

– VOCÊ!

Etc. Etc. Etc.

Enquanto tudo isso acontecia, ninguém reparou que Alvin estava fazendo uma coisa estranha.

Quando o Treze da Sorte navegou até uma distância segura dos rochedos de Berk, a maioria dos dragões já tinha voado de volta à Vila dos Hooligans em busca de comida e repouso. O único que permaneceu no navio foi Banguela. O dragão, que era uma criatura preguiçosa, considerou a distância longa demais para percorrê-la voando. E ele tinha pescado alguns peixes bem gordos durante o caminho. Então, lá estava ele, no convés, assistindo ao embate com interesse.

Por alguma estranha razão pessoal, Alvin levantou um barril pesado e vazio. Ele o colocou sobre o pequeno dragão que estava ali, animado, e o prendeu.

Então, interrompeu a luta entre Stoico e Barrigão.

– Calma, calma – disse Alvin em tom tranquilizador. – Até os pequenos moluscos em suas conchas concordam que este deveria ser um momento de ALEGRIA, o início de uma nova era para a Tribo dos Hooligans. Há tesouro suficiente para todos vocês. Proponho um brinde para celebrar o fato de termos encontrando o tesouro.

Os Hooligans aplaudiram, na esperança de superar um momento difícil. Bocão e Peidogrande separaram Stoico e Barrigão, porque, caso contrário, eles claramente estariam dispostos a ficar ali o dia inteiro. Alguns dos outros Guerreiros Hooligans ergueram um vinho frutado para o brinde.

Stoico, o Imenso, sacou a Lâmina da Tempestade. Ele já se enfeitara com brincos elegantes retirados do baú do tesouro.

— Débeis mentais e **HERÓIS** — ele gritou. — Somos um pequeno bando de bárbaros invencíveis, e estamos prestes a nos tornar o centro de um Novo Império, um Império que rivalizará com Roma em seus dias de glória! Com este tesouro! — Stoico ergueu a taça de vinho, os olhos brilhantes. — Os Hooligans Cabeludos se tornarão **INVENCÍ...**

O DIA DÁ
UMA VIRADA
PARA PIOR

Stoico nunca terminou a palavra "invencíveis", porque, no meio dela, foi agarrado por um indivíduo enorme e de olhos selvagens que apontou uma faca não muito limpa para seu pescoço. A palavra terminou soando mais como "INVENCÍ-ugh-ugh-ugh", enquanto Stoico engasgava com os olhos arregalados.

Em todos os bancos de remo, cada membro da Tribo dos Hooligans tinha sido agarrado pelas costas, e facas haviam sido colocadas em suas gargantas.

Os nervos dos Hooligans ainda estavam em frangalhos por causa da fuga dos Caveiras. E eles tinham ficado tão ocupados discutindo que não viram um barco pequenino e astuto que se esgueirou pelas brumas e se colocou ao lado do Treze da Sorte. Um barco chamado Cabeça de Martelo, com uma vela curvada como uma barbatana de tubarão, uma caveira vermelha e dois ossos cruzados pintados na lateral. Um barco lotado de PÁRIAS.



Eles não formavam uma tripulação bonita, apesar da altura, dos belos cabelos ruivos, das roupas vistosas e de todo tipo de adereço dourado. Muitos traziam cicatrizes no rosto. Um ou dois eram desprovidos de nariz ou de uma orelha. A maioria deles tinha afiado os dentes, deixando-os bem pontudos, como se fossem as presas de um tubarão. Mesmo os de melhor aparência estavam desfigurados por tatuagens vermelhas, que diziam ser feitas com o sangue do inimigo. Eles falavam entre si no mais difícil de todos os idiomas vikings: o pariês, que soava semelhante ao latido de um cão.



Os párias tinham vindo em grande quantidade pela lateral e se esgueiraram atrás dos Hooligans enquanto estes admiravam o Tesouro e a si mesmos. Banguela, naturalmente, os farejara. Ele sabia que os párias se aproximavam e ficara feito um louco dentro do barril pesado, silvando o mais alto possível:

— PÁRIAS! F-F-FUJAM, SEUS H-H-HUMANOS E-E-ESTÚPIDOS!

Mas ninguém o ouviu.

No final, aquele dia estava ficando bem ruim para os Hooligans. Párias, como Caveiras, são o tipo de criatura que a gente espera nunca ter de encontrar na vida, imagine só encontrar AMBOS num espaço de tempo tão curto na mesma manhã.

Soluço não percebera que eles eram párias. Mas sabia que os Hooligans estavam com Sérios Problemas.

O coração de Soluço começou a pular dentro do peito como se fosse uma perereca enquanto ele olhava para a face terrível do homem que mantinha Stoico, o Imenso, preso pela garganta. Seus chifres enrolados tinham quase um metro de altura. Quando ele abria a boca, rosnava feito

um cachorro.

Durante um minuto inteiro, ninguém disse nada. Ninguém ousou mover um músculo. Não havia ruído algum, com exceção daquele rosnado terrível emitido pelo pária que mantinha Stoico preso... e do som de Alvin bebendo.

Não havia faca alguma no pescoço de Alvin.



Calmamente, ele terminou de sorver as últimas gotas deliciosas do vinho frutado. Então pousou a taça com suavidade.

— Pensei em fazer uma... hum... surpresa no final de nossa pequena jornada — disse Alvin, com seu sorriso charmoso. — Eu **REALMENTE** gosto de surpresas, você não, meu querido Stoico?

Stoico gargarejou desarticuladamente.

— Eles são divertidos, não são? — continuou Alvin. — Sinto muito em dizer, contudo, que o dia de glória da Tribo dos Hooligans terá de ser... hum... adiado por um tempo. Veja, acho que preciso de uma cota maior que os meros dez por cento. E para o caso de vocês não concordarem, pensei em trazer alguns parentes para... hum... persuadi-los.

Stoico gargarejou novamente.

Alvin latiu algumas palavras em pariês para Chifres Curvos, que latiu de volta para ele.

— Preciso admitir, a essa altura, que sou culpado de ter preparado uma armaçãozinha inocente — disse Alvin.

— Meu nome não é Alvin, o Fazendeiro Pobre e Honesto. Sou, na realidade, Alvin, o Traíçoeiro, o Assassino Mais Poderoso, o Grande Líder da Tribo dos Párias. Não sei por que, mas sinto que se tivesse dito isso a vocês desde o início, talvez não fosse tão calorosamente recebido.

— Um **PÁRIA**? — disseram os Hooligans, com espanto.

Alvin riu.

— É isso mesmo — disse ele —, um pária. Nós, os párias, nem sempre saímos por aí trajando peles de animais, você sabe. Até nós nos adaptamos aos novos tempos. — Ele foi até Stoico e gentilmente retirou da mão dele a espada Lâmina da Tempestade. — **ELA É MINHA**, eu acho.

Alvin soltou a garra de sua mão direita, como Solução já o vira fazer antes. Ele prendeu o porta-espada em seu lugar, no qual gentilmente encaixou a Lâmina da Tempestade. Ele a apertou bem, de modo que a espada ficasse completamente firme. E enquanto fazia tudo isso, dizia:

— Veja, Stoico — disse Alvin. — Nós, os Chefes Bárbaros, estamos enfrentando um novo desafio. Precisamos lutar contra as forças arrepiantes da Civilização nos tornando **MAIS DUROS** e **MAIS CRUÉIS** que nunca. **VOCÊ**, Stoico, ficou **MOLE**.

— **NÃO** fique, **NÃO!** — protestou Stoico, indignado.

— Barbadura, o Terrível, se reviraria no túmulo se o visse agora — murmurou Alvin. — Vocês, Hooligans, tornaram-se uns **AMADORES** inábeis, só fazem barulho e não demonstram nenhuma maldade real. Já eu dei duro para atualizar os párias. Agora, externamente, nós adotamos algumas roupas e costumes da Civilização... mas internamente nós somos párias mais fortes e mais verdadeiros do que nunca. Somos **PIRATAS REALMENTE PROFISSIONAIS**, desalmados, assassinos, sanguinolentos, comerciantes de escravos...

Alvin fez uma pausa para tomar fôlego.

— Por falar nisso — ele então continuou — olhem, pela última vez para essa pequena ilha tão sem graça... — Ele fez um gesto na direção dos rochedos amistosos de Berk. — Todos vocês, Hooligans, estão a ponto de ingressar no comércio escravocrata, no importante papel de **ESCRAVOS**.

Os Hooligans grunhiram. Não havia destino pior para um viking orgulhoso e independente do que ser vendido como escravo.

— Tenho certeza de que darão excelentes escravos — disse Alvin em tom amigável —, porque todos vocês são fortes e, para ser franco, não tão inteligentes. E eu realmente detesto ameaçar, mas quem se opuser vai se arrepender muito.

Um pária sem nariz deu um passo adiante e puxou da cintura um chicote preto com um cabo que tinha o formato de uma serpente.

Alvin bateu palmas, e os párias começaram a conduzir os Hooligans para o convés do Cabeça de Martelo.

— Sim, vocês serão escravos. Todos — sorriu Alvin —, menos você, Stoico.

Chifres Curvos soltou Stoico, que orgulhosamente, deu um passo à frente.

— Para os Chefes e seus descendentes reservamos um derradeiro sinal de respeito — disse Alvin com uma pontinha de ameaça na voz. — Nós os **COMEMOS**.



— Mas isso é **CANIBALISMO** — disse Stoico, chocado.

— Eu sei, eu sei — suspirou Alvin. — É bem antiquado de minha parte, mas eu perderia o respeito diante de minha Tribo se abandonasse **TODAS** as antigas tradições.

— Mas... mas... mas... mas.... — vociferou Stoico.

— Não mudarei de ideia, não importa o que você diga — falou Alvin, gentilmente. — O problema com o jantar é que ele nunca quer ser comido. Quer dizer, você come PORCO, não é Stoico?

— Bem, siiim — admitiu Stoico.

— Então, pronto! — disse Alvin. — Nenhum porco se oferecerá **VOLUNTARIAMENTE** para ser o jantar, e, pensando em voluntários... — Algo parecia divertir Alvin. Ele ria de alegria. — Eu mencionei que Stoico não seria o único a receber esta... honra — disse Alvin —, mas também seus descendentes. Sei que tem havido uma espécie de discussão a esse respeito recentemente. A questão é — prosseguiu Alvin, lutando para manter a cara séria — **QUEM** é o Herdeiro de Stoico, o Imenso? Será que ele levantaria a mão, por favor?

Por estranho que pareça, Melequento não ergueu a mão nessa hora.

Em vez disso, ele tentou esconder-se atrás de Bafoca de Maluquício, olhando fixamente para as pontas de suas sandálias cor de bronze, como se não tivesse ouvido a pergunta.

Soluço suspirou.

Ele ficou de pé sobre o banco de modo que todos pudessem vê-lo.

— Eu — disse Soluço. — Eu sou o Herdeiro de Stoico o Imenso.

Stoico abriu um sorriso largo, orgulhoso.

Os párias sussurraram diante disso de todas as maneiras possíveis.

Soluço não precisava falar parlês para saber que eles estavam dizendo coisas como: "Esse magrelinho é o Herdeiro dos Hooligans Cabeludos???"

Dois párias gigantes ergueram Soluço do banco e o colocaram sentado ao lado de Stoico, o Imenso.

Alvin segurou a Lâmina da Tempestade. A espada agora era uma extensão de seu braço, como a presa de um narval é uma extensão de seu focinho.

— Parece que ela sempre esteve aqui, não é mesmo? — disse Alvin.

Aluz do dia brincava no desenho do raio. Alvin passou o dedo pela lâmina bem suavemente, e uma gota de seu sangue na mesma hora pingou no convés.

— Bem afiada. Não levará um segundo — prometeu Alvin, dando

um passo na direção de Solução.



A BATALHA A BORDO DO TREZE DA SORTE



Alvin avançou na direção de Solução, com a Lâmina da Tempestade levantada acima da cabeça.

Solução fechou os olhos, aguardando o golpe. Mas naquele exato momento Banguela finalmente conseguiu virar o barril no qual fora preso. Nos últimos cinco minutos, ele estivera jogando o peso do corpo de um lado para o outro. Enfim, deslocou-se com mais força, o barril virou e rolou rapidamente ao longo do convés. Com Banguela rolando dentro dele... Depois bateu diretamente nas pernas de Alvin, o Traíçoeiro... que perdeu o equilíbrio e caiu no chão... Alvin soltou um ooohh de surpresa, os párias se distraíram por um segundo vital, e Stoico se virou e derrubou Chifres Curvos com um bom e velho soco bem debaixo do queixo.

Daquele momento em diante, instalou-se o caos a bordo do Treze da Sorte.



Quando as espadas que estavam na garganta dos Hooligans foram

abaixadas momentaneamente, eles tiraram vantagens da surpresa de seus captores.

— AGORASIM! EU VOU LHES ENSINAR A DIZER QUE OS HOOLIGANS AMOLECERAM!!!

Stoico soltou o Urro de Guerra Viking e lançou-se contra o inimigo totalmente desarmado. Ele bateu as cabeças de dois párias, uma contra a outra, socou outro no rim, e quando um deles se dobrou de dor, saltou por cima de suas costas para enfrentar outra dupla.

Tudo não teria dado tão certo para ele, que estava desarmado, se Barrigão Caído de Cerveja não tivesse vindo ajudá-lo. Os dois irmãos, que lutavam um contra o outro cinco minutos antes, enfrentaram o inimigo costas a costas durante o restante da batalha.

A "Batalha a bordo do Treze da Sorte" seria uma saga que os Hooligans contariam a seus filhos e netos por muitos e muitos anos. A perícia militar da Tribo dos Párias era legendária no Mundo Viking. Mas os Hooligans estavam desesperados e irados. Eles lutavam pela própria LIBERDADE, e então batalhavam mais selvagem e ferozmente do que nunca.

Nada menos que vinte Estrelas Negras* foram entregues aos guerreiros após o término da batalha. Não foi surpresa, pois as Habilidades de Luta Pirata exibidas na ocasião eram uma beleza de se ver. As Estrelas também significavam um tributo ao velho soldado, Bocão, que ensinara aos guerreiros tudo o que sabia. Ali, num canto do convés, estava Nober Descerebrado, executando uma manobra altamente sofisticada conhecida como "Dança dos Machados", na qual o pirata rapidamente faz um malabarismo, jogando dois machados de uma das mãos para a outra, hipnotizando e confundindo o inimigo antes de avançar para dar o golpe fatal.

** A Estrela Negra é uma medalha dada aos Guerreiros Hooligans por Bravura Excepcional no Campo de Combate.*

No alto, em cima do mastro, os meninos do Programa de Treinamento de Piratas enfrentavam corajosamente párias que tinham quase o dobro de seu tamanho, colocando em prática todo seu aprendizado das aulas de Luta de Espadas em Alto-mar.



O comportamento de Perna-de-peixe em particular foi surpreendente. Assim que começou a batalha, ele perdeu totalmente o controle, lançando-se contra o inimigo, gritando furiosamente e girando a espada sobre a cabeça feito um alucinado.

Os vikings chamam os guerreiros que agem assim de "Berserks", e eles são reverenciados na sociedade.

Você não poderia imaginar um candidato menos provável a ser um Berserk do que Perna-de-peixe, mas lá estávamos nós, e essas coisas não são previsíveis.

Os párias saíram do caminho dele porque um Berserk é sempre respeitado, mesmo que seja baixinho, vesgo e manco e não tenha qualquer habilidade com a espada.

É preciso admitir (relutantemente) que Melequento lutou com brilho e bravura espetaculares. Seu punho rápido fez Corte Voador deslizar de modo impecável, para dentro e para fora, aqui e ali, executando lindamente a Defesa Destruidora, o Ataque Barbadura, o Corte Final e muitos outros dos movimentos mais sutis da luta de espadas. Em cinco minutos nada menos que três párias estavam mortos ao redor dele, todos maiores e mais fortes. Esse é um recorde escolar que permanece invicto até hoje.

Eu adoraria dizer que Solução lutou de maneira igualmente esplêndida. Mas não posso, porque não seria verdade. Solução deslocara o braço, lembre-se, e sua espada, Pontalanga, estava caída em algum ponto da praia da Ilha da Caveira. Mas ele fez o que pôde. Com sua rápida mão esquerda, Solução tirou uma chave do bolso de Chifres Curvos enquanto este lutava contra Bocão Bonarroto. Ele usou a chave para abrir o cadeado das correntes de quatro ou cinco Hooligans que já estavam presos, prontos para a escravidão, que então se juntaram na luta com os outros.

Banguela foi uma diversão extra quando saiu do barril, tonto e confuso, e mordeu a primeira perna peluda que viu. Acontece que ela pertencia a um pária grosseiramente gordo que, imediatamente, derrubou a tocha que carregava direto no barril aberto, cheio de vinho frutado.

E só Thor sabe o que havia NAQUELE vinho, porque o barril inteiro explodiu em chamas.

O fogo saiu de controle.

A vela do navio queimou-se furiosamente, e uma fumaça espessa e escura se espalhou pelo convés.

Todos começaram a saltar do Treze da Sorte para escapar das chamas.

Stoico saltou de barriga no mar, espirrando água no barco dos párias, o Cabeça de Martelo, onde a batalha acirrada continuava acontecendo. Quando ele escalou a lateral da embarcação, virou-se para o filho e gritou:

— VENHA, Solução!

— Seu p-p-pai está certo — disse Banguela, sem fôlego —, p-p-

precisamos ir

Soluço hesitou.

Perna-de-peixe ainda estava a bordo do Treze da Sorte.

Ele estava no auge do transe Berserk e perseguia Alvin, com a espada na mão, na esperança de matá-lo.

Alvin voltara para pegar o tesouro.

— PERNA-DE-PEIXE! — gritou Soluço, desesperado. —

PRECISAMOS SAIR DO BARCO!

Mas Perna-de-peixe não o escutava.

— PERNA-DE-PEIXE! — Soluço, demorou-se um pouco mais. — SE NÃO SAIRMOS AGORA PODERÁ SER TARDE DEMAIS!

Já era tarde demais.

Ouviu-se um enorme C-R-A-A-A-A-A-A-A-C!!! vindo do alto, e o mastro em chamas despencou no mar.



Stoico observou, horrorizado, do convés do Cabeça de Martelo, enquanto o Treze da Sorte virava, carregando Soluço, Perna-de-peixe, Alvin e Banguela.

Depois o barco afundou diante de seus olhos.

E Stoico sabia que aquela parte do oceano em particular, apesar de estar tão perto dos rochedos, era muito, muito funda, mesmo para lagostas.

– SO-LU-ÇO! – gritou Stoico, desesperado.

Ele sabia que jamais voltaria a ver o filho.

Pois quem conseguiria sair daquela situação com vida?

NO FUNDO DO OCEANO



— Agora é minha vez de salvar **SUA** vida — disse Perna-de-peixe, sem fôlego.

O primeiro pensamento de Solução foi que se afogaria. Ele foi girando e girando, cambalhota atrás de cambalhota, afundando, afundando, afundando tão rapidamente que parecia que sua cabeça estava explodindo.

Uma sensação estranha, de calma e indiferença, tomou conta dele, e então, Solução foi agarrado com força pelos ombros e arrastado, tossindo e cuspidando, de volta à superfície da água, e entrou em uma bolsa de ar que se formara debaixo do barco que afundava.

O barco ainda submergia com tanta rapidez que os ouvidos de Solução estalavam sem parar, mas pelo menos ele conseguia respirar.

— Ah, sim — disse Solução em tom de sarcasmo assim que recuperou o fôlego. — E imagino que a razão pela qual vim parar aqui, em primeiro lugar, não tenha nada a ver com você. Se você não tivesse corrido atrás do Alvin, estaríamos a bordo de outro navio agora... Você não me ouviu gritando?

Perna-de-peixe ficou vermelho.

— Eu não conseguia ouvir nada, na verdade — ele murmurou.

— Que ótima hora para descobrir que você é um Berserk — resmungou Solução.

Perna-de-peixe ficou ainda mais vermelho.

— Você acha que foi isso? — ele perguntou, com timidez.

Secretamente, estava muito orgulhoso de ter essa profunda violência oculta.

— Acho, sim — disse Solução. — De qualquer modo, minha vida não está realmente **SALVA**, não é? Nós não estamos aconchegados na segurança de nossas camas na Vila dos Hooligans. Quer dizer, onde nós **ESTAMOS**?

O barco finalmente parou de descer e assentou-se gentilmente no leito do mar.

— No f-f-fundo do oceano — disse Banguela, enquanto boiava, enfiado dentro de um capacete de pária ao contrário, como se fosse uma águia maligna sentada em seu ninho, os olhos brilhando como velas. (Uma das únicas características interessantes do Dragão Comum ou de Jardim é que seus olhos se iluminam no escuro.)







— O barco virou, e estamos aprisionados debaixo dele, numa espécie de bolsa de ar — explicou Perna-de-peixe.

Soluço espiou para cima, ao longo de toda a extensão do naufragado Treze da Sorte, virado de cabeça para baixo. Com certeza, todos os bancos agora eram o teto daquilo que se assemelhava a um saguão longo, baixo, arqueado, com água como assoalho. Assentos, remos e almofadas flutuavam, mas até onde dava para ver ou ouvir, ninguém mais estava preso ali, nem párias furiosos nem Hooligans esperançosos.

— Todos os outros devem ter saltado a tempo — disse Perna-de-peixe.

— Espere um segundo — disse Soluço —, parece que tem alguém preso debaixo de um banco, bem aqui...

Ele mergulhou sob a superfície, batendo as pernas e jogando água em Perna-de-peixe e em Banguela.

Soluço ficou desaparecido por quase um minuto e meio. Quando finalmente ressurgiu, carregava um fraco e verde Alvin, o Traíçoeiro.

— Por que você está salvando ELE? — queixou-se Banguela. — Ele é um r-r-rato. Banguela vai matá-lo, se você quiser — disse, alegrando-se com a ideia, as garras se estendendo na direção do desmaiado Alvin.

Como se tivesse ouvido as palavras, Alvin abriu os olhos. Seu rosto se franziu e ele chorou feito um bebê.

— Meu tesouro — ele choramingou —, meu tesouro. Foi embora,

embora, embora...

— Não estamos interessados em seu tesouro — disse Perna-de-peixe, friamente. — O que acha do fato de que menos de meia hora atrás você estava a ponto de fazer toda a Tribo dos Hooligans escrava? Isso sem mencionar que você ia devorar o pobre e velho Soluçõ. Se não fosse por SEU estúpido tesouro, estaríamos todos sentados numa aula do Bocão Bonaroto, olhando para o vazio das janelas enquanto ele ficava explicando Como Amedrontar Forasteiros.

— Nós ainda podemos encontrá-lo — disse Alvin, impaciente, tentando espiar dentro da água, abaixo dele. — Ele está em algum lugar, o fundo não está muito longe de mim. AJUDEM, pessoal, e viveremos como reis...

— Ah, cale a boca, seu louco — disse Perna-de-peixe.

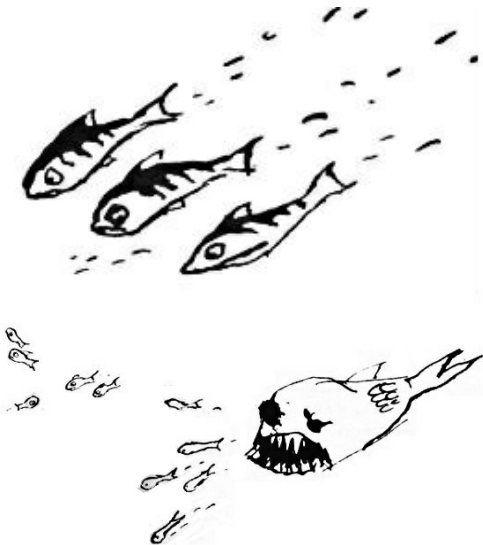
— Não temos tempo — interrompeu Soluçõ. — Hoje realmente é nosso dia de sorte. Corrija-me se eu estiver errado, mas acho que a bolsa de ar está diminuindo.

Soluçõ estava certo.

Abolsa de ar estava diminuindo.



DÁ PARA O
DIA PIORAR?



O "teto" estava definitivamente mais próximo da cabeça deles do que alguns minutos antes. Agora estava poucos centímetros acima dos chifres do capacete de Soluço.

Fez-se silêncio durante um segundo. Os olhos enlouquecidos de

Alvin voltaram ao foco. Para ele, a única coisa que importava mais que o tesouro era a preservação da própria vida.

Soluço considerava a vida cotidiana um desafio, mas ele era sempre bom na hora da crise.

— CERTO — disse ele. — Banguela, quero que você saia de debaixo do barco e veja se acha que estamos longe demais para chegar até a superfície. AGORA — ele acrescentou, pois Banguela parecia não ter pressa.

— Tudo bem, tudo bem — murmurou Banguela. — M-mantenham os capacetes na cabeça...

O pequeno dragão mergulhou e desapareceu. Ele deixou os vikings na escuridão quase total, pois sem a luz amistosa de seus olhos brilhantes enxergar era quase impossível. Reinou um silêncio sinistro, exceto pelo ruído da água batendo contra os lados do barco e por um leve barulho de movimentação — o qual Soluço tinha certeza de que era pelo ar que escapava do bolsão de ar, como se saísse de um balão.

E, realmente, depois de cinco minutos, o bolsão de ar tinha diminuído tanto que a cabeça de Soluço se espremia contra o "teto" de madeira do Treze da Sorte, e ele precisou retirar o capacete.



Alvin entrou em pânico.

— Onde está o réptil desgraçado? — ele sibilou, e depois engasgou quando a água entrou em sua boca.

— Aquele réptil desgraçado — Perna-de-peixe protestou, tão aterrorizado quanto Alvin, mas corajosamente procurando não demonstrar isso — está tentando salvar sua vida desgraçada...

Cinco minutos mais, e eles precisaram virar a cabeça para cima de modo que as narinas ficassem fora da água.

"Se Banguela demorar mais um pouco", pensou Soluço, "vamos morrer afogados aqui nesta escuridão..."

Duas luzes brilharam no escuro, logo abaixo. Era Banguela, nadando na direção deles no momento certo.

— Tudo bem — disse o dragão. — A superfície fica longe d-d-demais para os seres h-h-humanos... mas há uma espécie de c-c-caverna... S-s-sigam o Banguela... — Segure em mim, Perna-de-peixe, e bata os pés feito um louco — ordenou Solução, porque, naturalmente, Perna-de-peixe não sabia nadar.

Solução respirou fundo, logo antes de o mar engolir o que restava do bolsão de ar, e mergulhou atrás de Banguela.

Ele precisou passar sob a beirada do barco, que estava descansando sobre pedras grandes, no fundo.

Depois nadou para a escuridão total, o que o deixava muito confuso. Um pouco acima, ele avistava Banguela nadando na direção de um pequeno buraco no rochedo, pelo qual passava uma luz. Tentando ignorar a falta de fôlego assustadora, e atrapalhado com o fato de que Perna-de-peixe estava agarrado a uma de suas pernas,

Solução nadou o mais rápido possível na direção do buraco. Quando o alcançou, ele subiu por um túnel curto e alcançou a superfície no meio de uma grande piscina, no fundo de uma gigantesca caverna subterrânea, em busca de ar.

Um ou dois segundos depois, Alvin emergiu na água ao lado de Solução e de Perna-de-peixe.

A caverna era grande e surpreendentemente iluminada, considerando-se que era tão abaixo da superfície. Uma luz verde sinistra parecia sair das lagartixas elétricas, pequenas criaturas parecidas com dragões que emitem um brilho fosforescente. A água escorria pelas paredes e pingava do teto.

Solução estava tão aliviado por ainda estar vivo e respirando novamente que aquela caverna em forma de tumba inicialmente pareceu um lar. Demorou um tempo para que seu cérebro assustado focalizasse a atenção no fato de que ainda não estavam a salvo.

— Certo — disse Perna-de-peixe, tentando não entrar em pânico, tirando as calças e batendo os braços para ficar seco. — Como é que vamos sair **DAQUI?**

A caverna tinha algumas formações rochosas interessantes, se Solução estivesse em condições de admirá-las. Estranhas formas de dragões fossilizados estavam presas na pedra. Algumas delas pertenciam a espécies extintas, muito raras. Contudo, mesmo a descoberta de um esqueleto inteiro de um exemplar da espécie Presa Escorregadia da Toca, tão raro que há

dúvidas sobre sua existência, não animou Solução, como teria acontecido em outras circunstâncias.

Eles caminharam em círculos durante quase uma hora e meia, procurando uma saída, antes de perceber que ela não existia. Então se sentaram.

Sem a tribo ao redor, enfrentando a morte, Alvin parecia retornar a seu antigo jeito agradável. Ele até mesmo se desculpou por tê-los levado àquela confusão.

— Eu simplesmente não acredito! — Perna-de-peixe gemeu, tremendo violentamente. — Parece um tipo de PESADELO. Fico pensando que estamos a salvo, e depois parece que NÃO, estamos em OUTRA situação de risco de morte, pior ainda do que aquela da qual acabamos de escapar.

— Tudo bem — admitiu Solução, tentando evitar que eles entrassem em desespero —, a situação não parece boa, mas tenho certeza de que podemos pensar num jeito de sair daqui...

Banguela estava farejando os fundos da caverna, e ele o interrompeu chamando:

— Banguela farejou uma coisa de m-metal a-a-aqui!

— Muito esperto, Banguela — disse Solução — mas a Busca ao Tesouro já terminou agora.

— Quer dizer — continuou Perna-de-peixe —, até agora, hoje, nós escapamos por muito pouco de ser:

1. Destroçados por Dragões Caveiras.

2. Comidos por párias canibais.

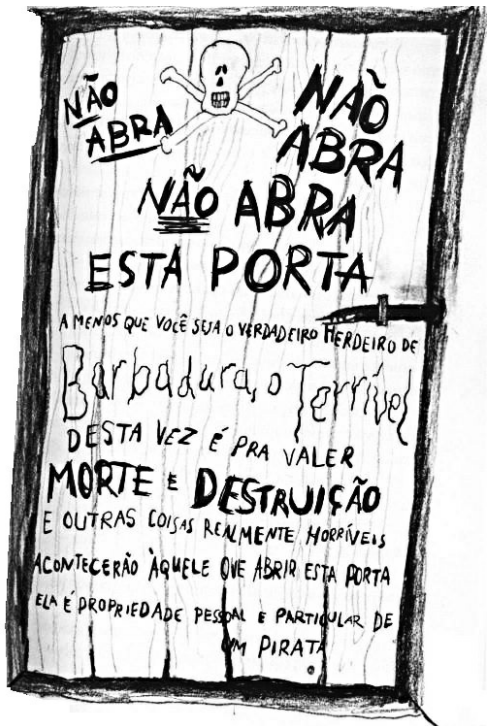
3. Carbonizados a bordo de um navio.

4. Afogados no fundo do oceano...

E agora, aqui estamos nós, aprisionados numa caverna submarina e inacessível, enfrentando a **MORTE LENTA POR INANIÇÃO**... Hoje foi mesmo um dia MUITO RUIM.

— N-n-não era metal, afinal — Banguela gritou lá atrás, desapontado. — É só mais uma p-p-porta...

— Uma PORTA?? — Alvin, Solução e Perna-de-peixe levantaram-se e se arrastaram na direção de Banguela, com uma súbita onda esperança.



Depois que espanaram toda a poeira e a terra que a cobria, eles descobriram que era uma porta.

Era surpreendente o fato de que ninguém reparara nela antes.

— Será uma saída? — disse Perna-de-peixe, arfando.

– Não necessariamente – replicou Soluço lentamente.

Uma porta com uma CAVEIRA pintada. Uma porta com letras que eram horrivelmente familiares para Soluço.

Letras largas, rabiscadas, talhadas na madeira provavelmente com uma espada.

"**NÃO ABRA ESTA PORTA**", estava escrito, "AMENOS QUE VOCÊ SEJA O VERDADEIRO HERDEIRO DE BARBADURA, O TERRÍVEL" "DESTA VEZ É PRA VALER", continuava, "MORTE E DESTRUIÇÃO E OUTRAS COISAS VERDADEIRAMENTE HORRÍVEIS ACONTECERÃO ÀQUELE QUE ABRIR ESTA PORTA. ELA É PROPRIEDADE PESSOAL E PARTICULAR DE UM PIRATA."





Soluço olhou diretamente nos olhos de Alvin, o Traiçoeiro, que repentinamente haviam começado a brilhar. Toda a amabilidade desaparecera de seu rosto novamente. Ele ergueu o braço que trazia presa a Lâmina da Tempestade.

Alvin nada precisou dizer. Soluço sabia o que ele queria.

— Ahhh, não — disse Soluço, afastando-se para trás lentamente. — Não vou abrir essa porta.

— Ah, mas vai, sim — sorriu Alvin, o Traiçoeiro, apoiando a ponta da Lâmina de Tempestade bem para o meio do peito de Soluço.

— Mas eu não sou o Herdeiro de Barbadura, o Terrível — protestou Soluço. — Melequento é o Herdeiro. Foi ele quem encontrou o tesouro, lembra-se da charada?

— Ah, mas será que aquele tesouro que o Melequento encontrou era o verdadeiro? — indagou Alvin. — Talvez Barbadura o tenha colocado ali como disfarce, para fazer as pessoas pensarem que tinham encontrado o

tesouro de verdade, enquanto, o tempo todo, ele estava bem aqui. Existe um esconderijo melhor do que uma caverna que só pode ser alcançada pelo mar? E se aquele não era o tesouro verdadeiro, isso significa que Melequento não é, necessariamente, o Verdadeiro Herdeiro dos Hooligans Cabeludos.

— Bem, de qualquer modo, isso é um alívio — disse Perna-de-peixe, tentando diminuir a tensão.

— **VOCÊ** é o Verdadeiro Herdeiro — disse Alvin, baixinho. — Quando eu perguntei, a bordo do Treze da Sorte, quem era o Herdeiro dos Hooligans Cabeludos, quem foi que levantou? **VOCÊ**. Não Melequento. Tudo isso foi um teste, planejado por Barbadura, o Terrível, e pelo próprio Destino. Só agora a charada faz sentido. Pois do que foi que conseguimos escapar, senão de um túmulo aquoso?

— E DE QUEM é a fera que acabou de farejar essa porta? **SUA**.

— V-v-viu? — disse Banguela. — Banguela é melhor f-f-farejador que Lagarta de Fogo.

— **VOCÊ** é o Verdadeiro Herdeiro dos Hooligans Cabeludos, Solução — disse Alvin. — E então só **VOCÊ** pode abrir essa porta e continuar vivo.

— Mas eu não quero abri-la — disse Solução. — Se você me der tempo suficiente, tenho certeza de que consigo tirar todos nós daqui sem abri-la. E quanto às armadilhas? Você abre o caixão de Barbadura e perde a mão direita... Nós abrimos o baú do tesouro de Barbadura e ele solta um cheiro que desperta os Caveiras... Eu SEI que se abrimos essa porta algo **REALMENTE DESAGRADÁVEL** acontecerá, tão certo quanto uma ova de peixe é uma ova de peixe. E as surpresas estão ficando **PIORES**, ainda por cima.

— Eu me esqueci de mencionar — disse Alvin, docemente — que se você não abrir essa porta, você **MORRERÁ**.

Ele pressionou a Lâmina da Tempestade um pouco mais, de modo que a espada perfurou a pele de Solução, um pouco acima do coração.

— Preciso entender isso direito — disse Solução. — Se eu realmente abrir essa porta, você **NÃO** matará a mim ou meus amigos?

— Prometo — disse Alvin. — Palavra de um Traíçoeiro.

— Palavra de um Traíçoeiro... — Perna-de-peixe gemeu. — Isso diz tudo, realmente... Ele nos matará assim que estiver com o tesouro... Se é que há um tesouro atrás dessa porta...

— Mas, caso contrário, ele nos matará agora — lembrou Solução. — Não temos muita escolha.

Soluço inclinou-se para a frente, mordendo o lábio, e deslizou o pesado trinco de ferro para a esquerda.

— NÃO é boa ideia, NÃO é boa ideia, NÃO É BOAIDEIA... — repetiram Perna-de-peixe e Banguela para si mesmos, fechando os olhos.

Soluço **len-ta-men-te** abriu a porta...

c r - a - a - a - a - a - a - a - a - a - a - a - a - c . . .

Alvin, Perna-de-peixe, Soluço e Banguela ficaram ali, as bocas abrindo e fechando como se fossem peixes espantados.

A porta tinha aberto e dava para outra caverna GIGANTESCA. Ela estava repleta até o teto com mais riquezas do que você poderia imaginar em seus sonhos mais loucos, mesmo que fosse tão ganancioso quanto o próprio Alvin.

O tesouro era tão indescritivelmente belo que os atraiu para dentro da sala como se fosse um ímã.

Estava todo empilhado, formando montanhas gigantes, desarrumadas. Montes e montes de moedas de ouro com a figura de César de um lado e a de Netuno do outro. Pilhas e mais pilhas de rubis perfeitos e gordos como vieiras, e de esmeraldas verdes como os olhos de uma sereia. Maravilhosas taças de prata enfeitadas com delicados cavalos-marinhos, colares dourados redondos como ostras e espadas afiadas como o dente de uma enguia, com tentáculos de polvo que se enroscavam ao redor do punho.

Era o tipo de tesouro no qual você poderia se perder, e se esquecer de si mesmo, da sua cabeça, do mundo todo.

— Meu Deus! — suspirou Alvin, o Traçoeiro, dando um passo adiante. — Meu Deus, meu Deus...

E ele esticou a mão para apanhar uma taça, um copo gloriosamente dourado, de formato circular e perfeito, com golfinhos brincando nas bordas, tão belamente entalhados que pareciam vivos, saltando dentro de um mar dourado em miniatura.

Banguela, Soluço e Perna-de-peixe lembraram de onde estavam, e lentamente voltaram-se na direção da porta aberta, enquanto Alvin estava distraído.

Mas Alvin os viu pelo canto dos olhos, esticou-se e fechou a porta com a ponta da Lâmina da Tempestade.

— Ninguém sai dessa caverna sem pedir a Alvin — disse ele.

— Agora, Alvin — disse Solução, nervoso. — Lembre-se de sua promessa. Se eu abrisse a porta, você falou que nos deixaria vivos.

— Si-i-i-i-m-m-m — disse Alvin, examinando a taça outra vez, depois ele a pôs suavemente sobre a pilha. — O problema é o seguinte: os párias nem sempre cumprem as promessas que fazem às pessoas. Culpa de nossa educação. Minha mãe nunca me amou realmente, você sabe. Mas eu sempre cumpro as promessas que faço a MIM MESMO. E há muito tempo, quando a tampa daquele caixão caiu e cortou minha mão, fiz a mim uma promessa realmente séria.

Os olhos agradáveis de Alvin se estreitaram, e ele deslizou na direção de Solução como se fosse um caranguejo predador.

— Não é que eu tenha algo contra você, Solução, mas jurei a mim mesmo — disse Alvin, ainda sorrindo — que ENCONTRARIA o precioso Tesouro de Barbadura e MATARIA seu precioso Herdeiro. Isso é justo, não é, um Herdeiro em troca da minha mão?

E ele deu um golpe perigoso em Solução com a Lâmina da Tempestade.

Solução saiu do caminho numa fração de segundo. O menino saltou agilmente no monte de tesouro mais próximo e começou a escalá-lo.

— E com a espada preciosa do próprio Barbadura — disse Alvin, rindo. — O destino não é POÉTICO?

— BANGUELA! — gritou Solução. — Pegue uma ESPADA para mim!

Alvin escalou o monte atrás de Solução e desferiu outro golpe violento contra a cabeça do garoto.



Soluço escondeu-se atrás da roda de uma biga grande e dourada.

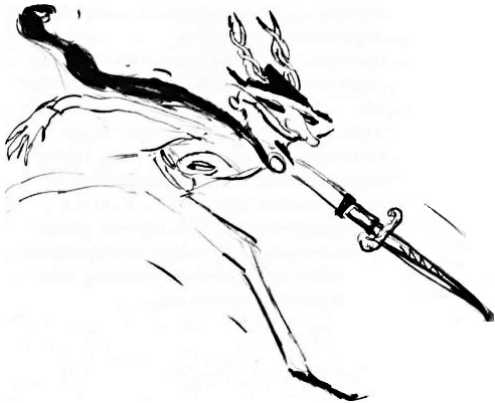
— **BAN-GUE-LA!** — gritou Soluço. — **ANDE LOGO!**

— O.K., O.K. — murmurou o dragão, que tinha voado para o alto de uma pilha de armas que não estava muito longe. — F-f-fique de capacete. B-b-banguela está dando o MELHOR de si.

Banguela tentou apanhar três das espadas, todas elas tão grandes, belas e vistosas quando a própria Lâmina da Tempestade. Mas todas eram também pesadas demais.

Então, ele se virou para algo menor, um objeto indistinto, mas que parecia servir, talvez um pouco enferrujado nas bordas. Ele conseguiu erguê-lo facilmente com as duas patas e o levou voando até onde Soluço estava subindo. O garoto estava a um quarto do caminho na colina de tesouro, perseguido ferozmente por Alvin, que tinha pequenas luzes vermelhas dançando em seus olhos estreitos e brandia a Lâmina da Tempestade como se fosse um trator humano.

Banguela derrubou a arma enferrujada na mão de Soluço, que a apanhou bem a tempo de se defender de um golpe de Alvin tão terrível que, se tivesse realmente acertado o pescoço de Soluço, teria arrancado sua cabeça, bem ali, naquela hora.



Soluço pegou a espada com sua mão ESQUERDA, porque, se você lembra, o braço direito estava deslocado, numa tipoia.

"Isso não vai durar muito", ele pensou consigo mesmo. Era um caso de homem contra menino, e Soluço não era exatamente o melhor espadachim das Ilhas Internas, mesmo com sua mão direita.



— Mantenha a ponta para CIMA, Solução! — gritou Perna-de-peixe, tentando desesperadamente se aproximar, para ajudá-lo. — Olhe para a espada o tempo todo, pulso firme, e atenção ao movimento dos pés...

Alvin, o Traíçoeiro, deu um violento golpe na altura da cintura de Solução, e o menino se surpreendeu ao ver que seu braço esquerdo era forte e que ele havia bloqueado o ataque com sua espada bem a tempo.

Alvin estava igualmente surpreso, ele girou sua grande espada sobre a cabeça maligna e a desceu na direção do pescoço de Solução, e o garoto ergueu o braço rapidamente e aparou o golpe um pouco antes de ser atingido.

Surpreso, Alvin começou a lutar rápida e violentamente, batendo,

agitando a espada e desferindo golpes, enquanto o braço esquerdo de Solução se defendia de cada investida como se tivesse vida própria.

— Com mil moluscos! — exclamou Perna-de-peixe. — Solução é

CANHOTO.

Olhando para trás AGORA, eu não diria que aquela foi uma luta da qual Solução devesse se orgulhar. Solução cresceria e se tornaria um Mestre na Luta de Espadas, um gênio nessa arte, e aquela luta, em comparação com a extraordinária habilidade que ele desenvolveria mais tarde, foi um combate desajeitado, cheio de manobras defensivas.

E embora eu fosse adorar poder dizer que Alvin, o Traíçoeiro, era um brilhante espadachim, a verdade é que ele era apenas regular na arte da luta com espadas, preferindo envenenar a bebida do adversário ou empurrá-lo do alto de uma montanha a combatê-lo frente a frente.

Mas ainda assim ele era bem mais velho, forte e experiente que Solução.

E mesmo que ele não fosse o melhor adversário que Solução já enfrentou, certamente seria aquele de quem o garoto se lembraria com mais surpresa e orgulho.

Porque aquela foi a vez em que Solução se deu conta de que era canhoto.

Imagine se você passasse toda a primeira parte de sua vida tentando andar sobre suas mãos. Toda a confusão que isso lhe causaria, sempre caindo, sempre tropeçando, sempre o último em tudo. Imagine a alegria de descobrir finalmente que você pode andar sobre os próprios pés.

Foi mais ou menos assim que Solução se sentiu ao lutar com a mão esquerda pela primeira vez. Era um sentimento tão feliz que ele começou até mesmo a gostar de si próprio.

Solução foi ajudado por Banguela, que mergulhava e atacava a cabeça de Alvin, distraíndo-o a todo momento.

— Não é justo — disse Alvin, sorrindo. — Nunca pensei que o Herdeiro de Barbadura aceitaria uma luta de DOIS CONTRA UM.

A agitação fez Solução ficar mais confiante, então ele gritou:

— Deixe ele comigo, Banguela!

— Deixá-lo com você? — Perna-de-peixe gritou furioso. — Como assim, DEIXÁ-LO COM VOCÊ??? CONTINUE, BANGUELA, E ISSO É UMA ORDEM! Essa é a VIDAREAL, Solução, não uma aula de Luta de Espadas em Alto-mar, e você precisa de toda a ajuda que puder ter..



Na verdade, o que Solução aprendera nas aulas de Luta de Espadas em Alto-mar foi de grande ajuda para ele. O movimento do monte de tesouro era bastante semelhante ao de um deque no mar. Solução manteve o equilíbrio com mais facilidade do que Alvin, que se desestabilizava continuamente.

Apesar disso, logo ficou claro que, embora Solução estivesse se divertindo, ele não estava ganhando a luta, mesmo com a ajuda de Banguela. Com um sorriso sinistro nos lábios, Alvin, o Traiçoeiro, devolvia os golpes de Solução, os olhos brilhando com aquela luz vermelha, recuperando outra vez seu antigo jeito malandro.

— Ande, Solução — ele instigava —, não tenha medo de seu velho companheiro, o Traiçoeiro. Eu não faria mal a um fio de cabelo — golpe — em sua cabeça — golpe.

— Ouça, Alvin — insistiu Solução, enquanto aparava outro golpe. — Tenho certeza de que todos nós podemos sair daqui em segurança se você esquecer esse lance do tesouro...

— Ah, vou sim — prometeu Alvin. — Assim que eu tiver matado você, eu vou sair.

— Veja, Alvin — argumentou Solução —, nunca é tarde demais para mudar. Você ainda tem uma chance de levar a vida de um jeito diferente, fazer amigos, começar uma família...

— Pare com isso — disse Alvin —, você está me fazendo rir. Você me dá uma segunda chance? Isso é realmente engraçado, mesmo. Você está à beira do abismo, uma simples criança lutando contra um adulto, e é você quem me dá uma segunda chance? Isso é muito gentil de sua parte.

Ele desferiu um golpe especialmente violento que Solução conseguiu

evitar, e quase perdeu o equilíbrio ao fazer isso.

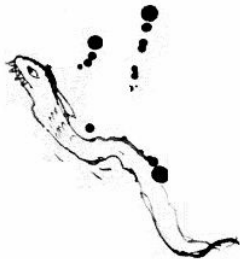
— É tarde demais para mim — riu Alvin. — Estou totalmente podre e gosto de ser podre. O tesouro me pegou e eu gostei de ter sido pego.

Ele ergueu a espada acima da cabeça enquanto Soluço agarrava-se desesperadamente às moedas movediças, tentando se manter firme.

— Mas aprecio sua preocupação — disse Alvin, abaixando a espada com uma força tão selvagem que teria cortado Soluço em dois... se ele não tivesse se antecipado ao golpe e saltado fora do caminho.

Então o golpe, em vez de partir Soluço ao meio, fez com que Alvin perdesse completamente o equilíbrio; ele deu um passo para trás, pisando um monte de tesouro no qual eles não tinham lutado antes...

...e o tesouro inesperadamente se mexeu debaixo dele, como se estivesse vivo.



A SURPRESA FINAL DE BARBADURA, O TERRÍVEL

O monte inteiro ergueu-se e balançou, taças, joias e espadas caíram em cascata pelas laterais como se fossem lava derretida.

Algo que se assemelhava a uma grande corda branca saiu do tesouro e se enrolou em Alvin.

Não era uma corda.

Era um tentáculo branco, incomum e excepcionalmente feio, que dava a impressão de ser feito de um pedaço de banha gelatinosa. O tentáculo tinha pequenas reentrâncias das quais saía uma gosma nojenta e grudenta, de um cinza claro e com um cheiro indescritivelmente terrível.

Alvin gritou de terror quando o tesouro caiu e revelou a criatura que estivera adormecida debaixo dele, uma criatura que eles haviam despertado com a luta de espadas.

Era a última surpresa de Barbadura, o Terrível, sua DERRADEIRA armadilha.

Ele a deixara ali, para guardar o tesouro. Um monstro do qual Solução ouvira falar nas lendas, mas que nunca vira, uma criatura que ele sinceramente esperava nunca, jamais voltar a ver.

Era o mesmo animal que surpreendera o pequeno Nadder Mortal, um dia antes, se você lembra, e que era chamado de Estrangulador Monstruoso.

O Estrangulador era um monstro gigantesco, geneticamente ligado aos dragões, polvos e cobras. Ele tinha asas de dragão pequeninas e mirradas, e pernas tortas e miúdas que eram praticamente inúteis, já que ele arrastava seu grande corpo através dos túneis subterrâneos como uma serpente, deixando um rastro de limo peçonhento.

Ele nunca vira a luz do sol, e sua cor era nenhuma. Os tentáculos obviamente deram um jeito de passar pelas cavernas superiores do Rochedo do Dragão Selvagem, e como o corpo da criatura era transparente, você realmente conseguia ver as formas dos infelizes dragões que ele devorara deslocando-se em seu sistema digestório. Alguns deles, caídos no final do

corpo enorme do Estrangulador, estavam imóveis. Outras criaturas, que ele comera mais recentemente, estavam se retorcendo, e uma delas tentava alçar voo, mas ficava aprisionada na grande garganta do monstro.

O naturalista dentro de Solução automaticamente identificou as espécies — um Pesadelo Monstruoso, um Nadder Mortal e três Dragões Comuns ou de Jardim — descendo lentamente pelo canal alimentar da Serpente.

O cérebro da criatura era tão pequeno em proporção a seu tamanho que ela tinha dificuldade em rastrear sensorialmente todos os seus tentáculos em movimento, e eles se mexiam como se tivessem vida própria.

A criatura precisava concentrar-se muito para fazer o tentáculo que segurava Alvin se mover mais lentamente até sua cabeça, para que ela pudesse vê-lo, pois estava insegura quanto ao que deveria fazer com o estranho novo animal.



— Isso é comida? — sibilou o réptil, pensando consigo mesmo. Soluço praticamente gritou de alívio. Pois a criatura falava um dialeto do dragonês que era muito antigo, mas, ainda assim, era dragonês. E Soluço era da opinião de que se você conseguisse falar com seu assassino, haveria alguma chance.

Alvin lutou selvagememente e cortou com a Lâmina da Tempestade o

grande tentáculo que o apertava.

— Você está me fazendo cócegas com seu palito, está? — disse a criatura. — Então vou fazer cócegas em você com...

E, devagar, ela balançou a ponta da cauda diante do rosto de Alvin. Solução já vira uma cauda daquela em animais bem menores. Ela estava cheia de veneno verde e brilhante, claro como vidro. A cauda tinha um ferrão um pouco abaixo, e quando a ponta penetrava a vítima o ferrão entrava. Então era adeus ao mundo, alô Valhala.

"Ah, excelente", pensou Solução consigo mesmo. "**Um Monstro Estrangulador venenoso. Meu tipo favorito.**"

Alvin desmaiou assim que colocou os olhos na cauda mortal. Ele tinha medo de agulhas.

Então, o Estrangulador não se deu o trabalho de injetar seu veneno. Ele apenas o engoliu inteiro vivo, do jeito que estava, com a Lâmina da Tempestade e tudo o mais.

Tomado pela fascinação do horror, Solução ficou observando a forma de Alvin agora desperto, em luta, descendo pela garganta transparente do Estrangulador.

"Então", pensou Solução, "O Comedor de Carne Humana acabou sendo comido. O destino não é poético?"

Às vezes é mais difícil forçar-se a ficar parado do que sair correndo para longe, mas Solução sabia que ele não teria chance se tentasse escapar. O animal era grande demais. Então Solução ficou congelado, na esperança de que a visão da criatura fosse fraca, como a das outras bestas que viviam apenas no subterrâneo.

Solução estava provavelmente certo, mas um dos tentáculos sempre em movimento acidentalmente bateu nele, e assim que fez contato com seu corpo quente automaticamente se enrolou em Solução, erguendo-o no ar.

— Um Plano! — gritou Perna-de-peixe loucamente lá embaixo. — Você precisa de um Plano Diabolicamente Astuto!

— Obrigado, Perna-de-peixe! — disse Solução, a mente se debatendo como um camarão preso numa rede, enquanto tentava ignorar o aperto terrível ao redor do peito. — Eu tenho consciência disso...

Os tentáculos viravam Solução para lá e para cá. Banguela levantou voo e pairou o mais próximo possível. Solução gritou algo no ouvido do pequeno dragão.

— Esse plano é t-t-terrível — murmurou Banguela, balançando a

cabeça.

— Só faça o que eu lhe peço, **UMA VEZ** na vida! — gritou Soluço.

Enquanto a criatura permanecia inconsciente de que capturara algo, o garoto ainda tinha alguma chance de escapar. Com a espada, ele bateu no tentáculo aderente que circulava seu tronco e ele pareceu ceder..

Lá embaixo, no fundo do monte do tesouro, Perna-de-peixe tentava desesperadamente ser útil.

Diante dele, havia uma espada monstruosa, inteiramente cravejada de joias. Apesar do fato de que ela era quase do seu tamanho, Perna-de-peixe deu um jeito de apanhá-la do chão. Com o rosto roxo devido ao esforço extraordinário, ele a ergueu, bem acima da cabeça, pronto para lançá-la no estômago da criatura...



Infelizmente, o peso da espada foi tão grande que Perna-de-peixe caiu com ela para trás, muito len-ta-men-te. Atrás dele, no chão, havia um escudo de bronze, e o garoto aterrissou nele com tanta força que desmaiou.

O barulho da cabeça de Perna-de-peixe batendo contra o escudo atraiu a atenção da criatura, e a luz finalmente iluminou seus olhos turvos, que focalizaram Solução. Os tentáculos o aprisionaram fortemente, e ficou

impossível escapar deles.

— Maisss comida? — ela indagou a si mesma.

— NÃO sou comida! — gritou Soluço. — Sou VENENOSO. Muito, muito VENENOSO!

— Venenosso? — sibilou a criatura. — Ele conversssa e é venenosso, é isssso? Eu SSSOU venenoso. Vê?

E o monstro balançou o ferrão mortal de sua cauda, ameaçadoramente, diante de Soluço.

— Eu não gosssto quando a comida converssssa... — a coisa uivou para si mesma. — Ela é asstuciossssa quando conversssa... vou matá-la antess que me engane...



A criatura apertou um pouco mais os tentáculos em torno de Solução, de modo a sufocá-lo.

— Tudo isso é muito interessante — Solução deu um jeito de dizer enquanto estava sendo estrangulado, os olhos esbugalhados. — Então, como é que você estava pensando em me matar, exatamente?

Gradualmente, a pressão terrível no peito de Solução aliviou-se, enquanto o Estrangulador avaliava a pergunta.

— Bem... — disse ele lentamente. — Eu esstava pensssssando em esssspremê-lo até a morte...

— Só pergunto — disse Solução, esforçando-se para respirar — porque recentemente quase fui engolido por um *Dragonusmarinhus Gigantescus Maximus*, que disse que vocês, criaturas subterrâneas, são animais muito primitivos, com poucas armas, capazes apenas de executar as formas básicas de matar, como o estrangulamento.

A criatura parou completamente de apertá-lo.

— Issso é muito grossseiro — ela sibillou depois, bastante magoada.

— O que é um Gigante-Maxi-ssseiláoque, afinal?

— Afrouxe um pouco os tentáculos — disse Solução — que eu lhe

digo.

— Tudo bem — disse o Estrangulador. — Masss ssem truquesss, ou vou ficar furioosso.

Lentamente a criatura afrouxou os tentáculos, deixando-os livremente em volta do corpo do menino. Solução ficou muito aliviado e respirou fundo.

— Um Dragonusmarinhus Gigantescus Maximus — continuou o menino — é uma máquina mortal assustadora do tamanho de uma montanha.

— Eu sssou grande... — afirmou a criatura.

— Ele tem pelo menos três formas de matar — disse Solução. — Ele pode picar você em pedacinhos com as garras, comê-lo devagar com os dentes, ou fritá-lo até você virar um carvãozinho com seu fogo.

— Eu possso fazer isssso... — disse a criatura, com menos certeza.

— Não pode, não... — disse Solução. — Você não possui garras, dentes ou fogo.

— Então eu não possuo... — disse o Estrangulador, muito desapontado. — Masss possso esstrangulá-lo até a morte...

Ele se animou e começou a enrolar os tentáculos ao redor de Solução novamente.

— Isso é TÃO ANTIQUADO! — gritou Solução apressadamente. — E o VENENO? Esse, sim, é o método mais recente e moderno de matar... Um Dragonus marinhus Gigantescus Maximus não possui veneno algum...

— Não possso? — indagou a criatura alegremente.

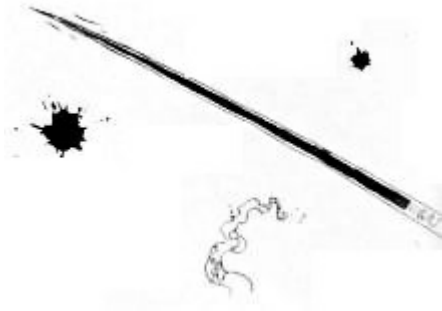
— Não, não possui — disse Solução. — Estou muito curioso para ver como funciona um desses novos venenos sofisticados.

— Esssse não é um bom jeito de morrer — alertou a criatura.

Ele apontou o ferrão afiado de sua cauda diretamente para o coração de Solução.

Repentinamente, Banguela voou para dentro do campo de visão do Estrangulador. A criatura perdeu a concentração por um segundo, enquanto o pequeno dragão subia e descia diante de seus olhos. Quando conseguiu coordenar os movimentos dos tentáculos o suficiente para afastar Banguela, o Estrangulador já estava muito, muito bravo.

— Eu lhe disssse, nada de truquesss! — ele sibilou, com voz venenosa. — Isssso vai calar a sssua boca...



Perna-de-peixe recobrou a consciência bem a tempo de ver o Estrangulador injetar todo o conteúdo de veneno verde de sua cauda, o suficiente para matar a população inteira de Roma, dentro da carne, no peito, sob a camisa de Solução.



O HERDEIRO DE BARBADURA, O TERRÍVEL

— Então — tagarelou Solução —, enquanto você está esperando o veneno fazer efeito, porque não me diz como ele funciona?

— Bem — gritou o Estrangulador —, você perderá controle de seus tentáculos quando eles enrijecerem...

— Estou mesmo sentindo uma pontadinha nos pés, como se estivesse sendo espetado por agulhas e alfinetes — admitiu Solução.

Os tentáculos do Estrangulador saltavam selvagememente, rígidos como pranchas.

— O veneno deixa algumas vítimas um pouco antes de morrerem... — sibilou o Estrangulador, alegremente.

— É impressão minha — disse Solução —, ou apareceu uma manchinha verde no meu Braço esquerdo?

Não havia nada. O braço estava branco e sardento como sempre.

Mas uma estranha nuvem verde estava se formando, gradualmente, dentro do corpo transparente do Estrangulador, encobrendo os dragões desafortunados que ele digerira.

— ... e então, quando o veneno atinge a cabeça — prosseguiu o Estrangulador —, o sistema nervoso simplesmente explode...

Ele olhou para Solução, esperançoso. Nada parecia estar acontecendo.

— Engraçado — disse o Estrangulador — Não parece que está funcionando...

— Talvez demore mais para algumas pessoas — disse Solução, tranquilizando-o. — O senhor mesmo parece um pouco enfraquecido, talvez devesse se deitar.

O Estrangulador olhou para si mesmo. A nuvem verde agora se expandia para todas as curvas e cavidades de seu corpo e finalmente se aproximava de seu cérebro diminuto... — gritou o Estrangulador

- AAAAAAAAAAAAAAAAAAGH!

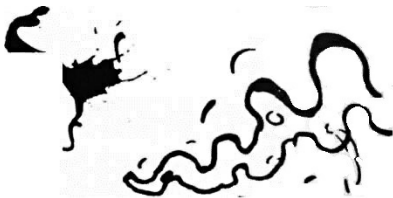
O sistema nervoso do Estrangulador simplesmente explodiu.

Todos seus circuitos elétricos se acenderam como lâmpadas. Ele se debateu feito um louco, derrubando grandes pedaços de rocha das laterais da caverna, jogando tesouros pelos ares, em todas as direções.

Perna-de-peixe escondeu-se debaixo de uma rocha saliente para não ser atingido pelas moedas que voavam. Banguela engatinhou para uma fenda no teto.

Durante um minuto e meio o Estrangulador atirou-se selvagememente nas paredes da caverna e soltou guinchos primitivos e estranhos de agonia. Em seguida, todos os seus tentáculos se enrijeceram e caíram no chão.

O Estrangulador ainda se contorceu algumas vezes em agonia. Sua cauda, com o perigoso ferrão, moveu-se ferozmente por um ou dois minutos. E então reinou apenas o silêncio na grande caverna. As imensas nuvens de poeira gradualmente se dispersaram.



Perna-de-peixe engatinhou para fora de seu esconderijo.

Ele afastou as pequenas lascas de rocha, os poucos restos de tesouro e o pouco que sobrou do Estrangulador, procurando por Solução.

Solução estava tonto, porém vivo. Ele despencara em uma onda gigantesca, fora atirado de um lado ao outro até bater os dentes. Mas as grandes moedas presas no tentáculo ao redor de seu corpo o protegeram, e ele não teve ferimentos.

O garoto sorriu para Perna-de-peixe e Banguela.

— Que Monstro mais **ESTÚPIDO** — disse ele.

— Como foi que você FEZ isso? Como foi que você FEZ isso? — indagou Perna-de-peixe várias vezes, surpreso enquanto ele e Banguela desenrolavam o tentáculo do corpo de Solução.

Como resposta, Solução ergueu a camisa, e ali, enrolada em seu peito, havia a ponta de um tentáculo... e na carne transparente e gelatinosa havia uma marca gigantesca de picada, com o veneno verde nitidamente visível escorrendo por debaixo da pele.

O que Solução fez foi puxar a camisa **SOBRE** a ponta do tentáculo enquanto Banguela distraía a Criatura. O Estrangulador tinha tão pouca

sensibilidade nas pontas dos tentáculos que não percebeu que, na realidade, estava envenenando a ELE MESMO sob o tecido branco da camisa de Solução.

— Esse plano em particular — disse Perna-de-peixe finalmente — exigiu uma Quantidade Diabólica de SORTE.

— FOI muita sorte mesmo — admitiu Solução, sorrindo —, mas estamos VIVOS, não é mesmo?

Perna-de-peixe retribuiu o sorriso, e Banguela deu três mortais no ar e um grito de comemoração.

— E aquela luta de espadas. DE ONDE veio aquilo? Você sempre foi péssimo espadachim.

— Troquei de mão — murmurou Solução, feliz, mas um pouco envergonhado.

— Um gênio canhoto que conseguiu derrotar sozinho Alvin, o Traíçoeiro, E um Monstro Estrangulador — gabou-se Perna-de-peixe. — Isso vai pegar tão BEM quando contarmos a todos na volta para casa! Eu não posso ESPERAR para ver a cara do Melequento quando ele colocar os olhos no tesouro. Isso faz com que aquela caixinha sem valor que ele desenterrou na Ilha da Caveira pareça desprezível.

— Siiiiim — disse Solução, lentamente —, mas ainda ESTAMOS aprisionados numa caverna subterrânea, inacessível, não é mesmo? Precisamos SAIR DAQUI em primeiro lugar.

Perna-de-peixe desanimou.

— É verdade — ele admitiu. — Mas essa criatura devia ter um caminho que a conduzia às cavernas do Rochedo do Dragão Selvagem... Quer dizer, repare nos dragões em seu sistema digestório, ela deve ter se alimentado na creche dos dragões durante anos. Agora só nos resta passar pelas Cavernas Calibãs e...

— N-n-não — disse Banguela firmemente. — B-b-banguela sabe. Banguela cresceu aqui. Há outras c-c-criaturas muito maiores e piores do que esta...

— Tudo bem, então — disse Solução. — Voltaremos pelo mesmo caminho. Vamos torcer para que a porta ainda se abra.

A porta ainda se abria.

E, enquanto eles a abriam, Solução reparou num pedaço de papel pregado na lateral. Era uma carta.

CARO HERDEIRO

(dizia a carta)

Eu tive uma gloriosa vida de viking. Mas agora sou um homem bem velho e percebo que não estou tão feliz com meus cinquenta anos de aventuras e roubos, de lutas e ar livre. Fico imaginando como seria se tivesse feito as coisas de um jeito diferente. Este tesouro, por exemplo. As lendas lhe dirão que o roubo dele foi meu **Momento Mais Significativo**. Mas, desde então, ele dividiu meu antigo grupo de ladrões, que era tão feliz, por causa de **GANÂNCIA** e de **DESEJO DE PODER**. Ainda não estamos prontos para cuidar deste tesouro.

Então, decidi livrar-me dele. Sei que existirão homens que ouvirão falar da Lenda do Tesouro e virão a sua procura, e, por causa deles, deixei como disfarce um pequeno baú na Ilha da Cavelra, de modo que eles pensem que a caçada termina ali. Escondi o **VERDADEIRO TESOURO** no fundo, bem fundo, desta caverna subterrânea. Foram necessários muitos meses para que meus dragões nadassem até chegar

aqui embaixo com ele. O tesouro está guardado tanto pela água quanto pelas Cavernas Calibãs. Coloquei um filhote de Estrangulador na Caverna para que ele cresça a tempo de se tornar um guardião realmente terrível. Sonho com um tempo no futuro em que os homens serão capazes de possuir coisas lindas e perigosas, utilizando-as com sabedoria. Sonho com um herdeiro que será um Encantador de Dragões, um espadachim, um homem que fala com monstros e que deterá o poder do próprio Thor, Deus do Trovão... Esse herdeiro virá e encontrará meu tesouro. Eu lhe darei o tesouro de graça, todo ele, e o herdeiro saberá o que fazer com essa fortuna.

Eu lhe desejo boa sorte e ventos fortes e benéficos.

Barbadura, o Terrível

PS.: Espero que você tenha um dragão consigo, ele poderá conduzi-lo até a superfície. Caso contrário, temo que este seja seu fim.

Ela fora escrita com a mesma letra rabiscada da charada de Barbadura, e estava endereçada ao VERDADEIRO HERDEIRO DE BARBADURA, O TERRÍVEL.

Soluço tirou a carta do prego e a leu.



— Talvez Barbadura, o Terrível, não fosse assim tão mau apesar de tudo... — disse Solução lentamente.

— Pronto! — falou Perna-de-peixe, que lia por cima do ombro de Solução. — Ele disse que o tesouro era SEU, para fazer o que quisesse com ele.

Solução suspirou. Ele pensou no olhar de cobiça no rosto de Stoico quando ele empunhou a Lâmina da Tempestade. Pensou em Barrigão Caído de Cerveja e Stoico brigando por causa do baú do tesouro.

— Sim — disse Solução —, e eu REALMENTE sei o que fazer com isso.

Ele apanhou um pedaço de carvão do chão da caverna, escreveu algumas palavras no final da carta e a prendeu nas costas da porta.

— AINDA... NÃO... ESTOU PRONTO... — leu Perna-de-peixe.

Perna-de-peixe correu atrás de Solução, que agora olhava pensativo para o buraco de saída da caverna, que dava para o mar.

— O que você quer dizer com ainda não estou pronto? — perguntou Perna-de-peixe.

— Quero dizer — explicou Solução — que o tesouro ficará bem aqui. Esse é nosso SEGREDO e não contaremos a NINGUÉM. Se sairmos daqui com vida, diremos apenas que aportamos umas duas praias adiante, sem mencionar a existência desta caverna, nada disso.

— Você **NÃO PODE ESTAR FALANDO SÉRIO** — disse Perna-de-peixe. — Nós poderíamos ser HERÓIS aqui, e além disso, se não contarmos a ninguém o que aconteceu, todos continuarão a pensar que Melequento é o Verdadeiro Herdeiro dos Hooligans Cabeludos.

Solução parecia arrasado.

— Acho que você está certo — disse ele. — Mas então, se eu sou mesmo o Verdadeiro Herdeiro, devo fazer o que acho certo para a Tribo, não devo? E esta definitivamente é a coisa certa a fazer. Aquele tesouro é encrenca séria.

Solução não mudaria de ideia.

— Vamos nos concentrar apenas em voltar para casa — disse ele.

Solução levou uma ou três horas pensando muito para descobrir como usar um dragão para levar ele e Perna-de-peixe através de vários metros de água de volta à superfície sem se afogarem.

A solução é bem simples, se você algum dia encontrar-se numa situação igualmente capciosa.

O bafo de um dragão, quando ele expira, é composto quase que exclusivamente de puro oxigênio. É isso que o torna tão inflamável. Eles só precisavam chegar até a superfície (lentamente, para não sofrerem com descompressão) nadando ao lado de Banguela, que ocasionalmente soprava no nariz deles quando ficavam sem fôlego.

Um dragão nunca fica sem fôlego, porque logo abaixo do chifre há guelras. Assim que ele entra no mar, pode fechar os pulmões e pegar seu oxigênio da água.

Solução e Perna-de-peixe ressurgiram na superfície depois de mais ou menos dez minutos. Havia muitos escombros flutuando ao redor deles,

porque os garotos não estavam distantes do local onde o Treze da Sorte fizera sua jornada final até o fundo do oceano. Cada garoto apanhou uma ponta de um remo e se dirigiu logo em seguida até uma praia para aportar.

Perna-de-peixe tentou persuadir Solução a mudar de ideia a caminho de casa.

Finalmente, ele disse, exasperado:

— Você **NUNCA** será um herói com essa atitude. Como você pode ser herói sem ninguém para aplaudi-lo?

— Tudo bem, então — suspirou Solução. — Nunca serei um herói. Eu só sei que deveria ser o Futuro Líder dessa Tribo, e prefiro que exista uma Tribo viva e que precise ser liderada. Para mim, isso parece mais importante do que ser herói.

Eles foram tropeçando pelo mato na direção da Vila dos Hooligans, que estava estranhamente silenciosa e deserta. Sem fumaça saindo das chaminés, crianças brigando nas ruas ou dragões lutando no telhado.

— Por favor, por favor, bom deus Odin — rezava Solução. — **POR FAVOR**, faça com que todos estejam vivos.



Todos estavam vivos.

Milagrosamente, ninguém se afogara durante o naufrágio do Treze da Sorte.

Os Hooligans velejaram o Cabeça de Martelo com grande sobrecarga, de volta a Berk, com os párias amarrados como prisioneiros.

Com sua típica generosidade, eles libertaram os párias.

Temo que os párias não tenham sido tão gratos quanto deveriam ser, e aquela não seria a última vez que os Hooligans encontrariam com essas pessoas traíçoeras. Contudo, naquele momento, eles regressaram à Terra dos Párias sentindo-se humilhados, desarmados e com sede de vingança.

Os Hooligans não estavam em melhores condições. Eles eram uma raça resistente, e o afogamento era um risco da profissão, mas a perda do filho único do Chefe era um grande golpe, sendo ele o herdeiro ou não.

Stoico sentou-se durante uma hora na beira do mar. Assim que o tesouro de Melequento desapareceu sob as ondas, ele perdeu a magia sobre o Chefe. Stoico ficou se lembrando de seu filho, Solução, de pé no convés do Treze da Sorte, afirmando:

— EU SOU O HERDEIRO DE STOICO, O IMENSO!

Ele arrancou os brincos dourados e os atirou no oceano. Depois foi para a casa e se sentou diante do altar a Odin.

Então, desse modo, quando Perna-de-peixe, Solução e Banguela chegaram tropeçando e mancando na Vila dos Hooligans, todos estavam trancados em casa, as janelas e as portas fechadas, e as lareiras apagadas.

Foi por um golpe de sorte que a janela de madeira se abriu, com o vento, na casa de Bocão Bonarroto. Ele foi fechá-la e, por acaso, avistou os amigos maltrapilhos se aproximando... E então, ele soltou um grande grito:

— Eles estão VIVOS!!!

O grito passou de casa em casa como fogueiras de sinalização que se acendem de colina a colina, e os Hooligans Cabeludos correram para suas portas de entrada como uma multidão de elefantes-marinhos jubilosos e cercaram os três companheiros, erguendo-os em seus ombros fortes, soltando gritos de felicidade:

— Eles estão **VIVOS!** Eles estão VIVOS! **ELES ESTÃO VIVOS!**

ELES ESTÃO VIVOS!

Melequento já estava furioso ao perceber que havia pessoas mais preocupadas em lamentar a perda de Solução e de Perna-de-peixe do que em felicitá-LO por ter sido o herói na Ilha da Caveira.

Imagine como ele ficou bravo quando saiu de sua casa, curioso com a

comocão, para se ver empurrado fora do caminho por Bocão Bonarroto e por Nober Descerebrado, sendo praticamente atirado ao solo pela multidão que aplaudia e carregava Solução nos ombros por toda a Vila.

Solução, que claramente, mais uma vez, **NÃO** tinha morrido, **NÃO** tinha se afogado e **NÃO** tinha saído de seu caminho.

Os felizes Hooligans alcançaram a porta da casa de seu Chefe e bateram nela, gritando:

— Abra, abra, eles estão vivos, eles estão vivos!

Stoico, o Imenso, ergueu sua grande cabeça cabeluda como se estivesse sonhando, foi tropeçando até a porta, e ali, na soleira, estava SEU FILHO, Solução.

Stoico, o Imenso, o Terror dos Mares, o Maior Governante dos Hooligans Cabeludos, Oh, Ouça seu Nome e Estremeça, Ugh, Ugh, apanhou seu filho e o abraçou, enquanto a multidão celebrava e aclamava. E foi assim que Banguela encontrou e perdeu um tesouro maravilhoso em apenas uma tarde...



E que Solução finalmente conseguiu uma espada para si e aprendeu como usá-la...

E que Perna-de-peixe descobriu que nem sempre é preciso ser um herói para ter uma Recepção de Herói.



Poucos meses depois, tive um sonho.

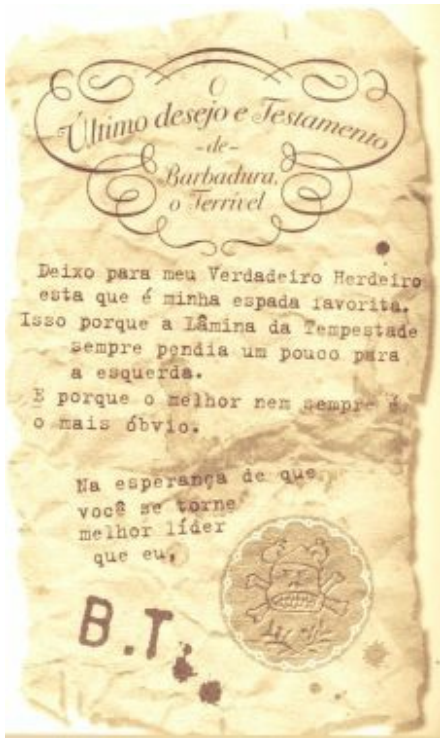
Era um sonho sobre naufrágio, talvez porque eu estivesse envolvido em vários deles ultimamente. O navio se chamava Jornada Sem Fim, e pouco antes que ele desaparecesse sob as ondas, o capitão de aparência feroz, que tinha um estranho sorriso na face, atirou uma espada para o alto, no ar. Ela foi girando sobre as ondas, atravessou a atmosfera e entrou no espaço das estrelas e do tempo eterno, onde, para minha surpresa, minha própria mão esquerda surgiu sozinha e a apanhou.

Assim que despertei, levantei e peguei a espada pouco inspiradora que Banguela escolhera para mim na caverna do Tesouro, aquela com a qual eu lutara contra Alvin, o Traíçoeiro. Eu a virei e virei, inspecionando o pequeno objeto sem graça durante quase meia hora. E, finalmente, descobri que ao girá-la e girá-la a ponta do cabo caiu e revelou um pequeno pedaço de papel enrolado dentro de um compartimento oco. Um pequeno fragmento de papel no qual estavam escritas as seguintes palavras:

Agora sou um homem velho, bem velho, da mesma idade que tinha Barbadura, o Terrível, quando fez seus dragões nadarem para o fundo da caverna com o tesouro. Banguela, Perna-de-peixe e eu guardamos segredo todos esses anos do que realmente aconteceu naquele dia terrível.

Mas, como estou escrevendo minhas memórias, sinto que preciso registrar tudo isso, pois foi uma parte importante de minha jornada para me tornar um herói. Mesmo que eu saiba que nunca vou poder mostrar isso para alguém durante minha vida.

Assim que tiver terminado de escrever essas cartas, eu as trancarei numa caixa, que jogarei no mar. E farei isso esperando, como Barbadura, o Terrível, que algum dia ela seja encontrada por alguém que se torne um líder melhor do que eu fui. Alguém que viva longe, longe, no futuro, em tempos mais civilizados do que aqueles em que vivi, nos quais os homens possam ter coisas bonitas, perigosas, e usá-las sabiamente.



Com certeza aquela seria a última vez que Solução veria o terrível vilão Alvin, o Traíçoeiro, não?

Seu gancho horrível desceu até o fundo do oceano com os destroços

do *Treze da Sorte*. Ele próprio fora visto pela última vez lutando na garganta do Estrangulador Monstruoso em uma caverna subterrânea inacessível, bem abaixo da superfície.

Ninguém conseguiria sair daquela situação vivo. **Ou conseguiria???**



Descubra no próximo volume das memórias de Solução.

FIM

